

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS - FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

LEONARDO COELHO SOLON DE PONTES

**Extra! Extra! Saiu no Carnaval:
Estudo sobre sambas-enredo,
notícia e informação**

Brasília
2005

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS - FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

LEONARDO COELHO SOLON DE PONTES

**Extra! Extra! Saiu no Carnaval:
Estudo sobre sambas-enredo,
notícia e informação**

Monografia apresentada para a
conclusão do curso de jornalismo

Orientador: Paulo Paniago

Brasília
2005

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas apaixonadas pelo jornalismo e que, como eu, acreditam que a comunicação não está apenas nas palavras, mas também, nas mais simples manifestações do ser humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais que tornaram possível a realização do sonho de ser jornalista. Agradeço, também, a todos os meus amigos, mas principalmente, à Bianca e ao Luiz, que acompanharam todo meu processo de evolução dentro do curso. À Regina, que durante os dois últimos anos me deu um grande apoio.

Agradeço a alguns colegas de turma que me fizeram, na maioria das vezes, ter prazer em participar do dia-a-dia das aulas. Dentre eles, agradeço especialmente à Karina, que me fez acreditar na humildade e no valor da troca de conhecimentos.

À Regina Martinez, primeira pessoa a acreditar neste trabalho, ao meu orientador que, ao longo do curso conquistou minha confiança e respeito e fez da construção deste trabalho um processo leve, sem problemas e de parceria. Agradeço, enfim, aos poucos excelentes professores, como Sérgio de Sá, Cláudia Busato, Gustavo de Castro e Rosângela Zorzo, que me proporcionaram conhecimentos que vão além de qualquer instrução técnica ou acadêmica.

Muito Obrigado.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma comparação entre notícias e sambas-enredo, com o intuito de provar que ambos possuem a característica de informar, transmitir fatos e acontecimentos. Contudo, por trás dessa semelhança noticiosa, fatores econômicos e sociais agem para provar que, da mesma forma que os sambas se equivalem às notícias, os jornais e as escolas de samba agem como empresas.

ABSTRACT

This work presents a comparison between news and samba stories, with the aim to prove that both have the characteristic to inform, transmit facts and happenings. Nevertheless, behind this advertising resemblance, economic and social facts act to prove that, in the same way that the sambas are equivalent to the news, the newspapers and the samba schools act like businesses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
METODOLOGIA	2
CAPÍTULO 1 – HISTÓRICO	3
CAPÍTULO 2 – A INFLUÊNCIA SOCIAL	9
CAPÍTULO 3 – ESCOLA DE SAMBA: UM FATO ECONÔMICO	16
CAPÍTULO 4 - A RELAÇÃO ENTRE NOTÍCIA E SAMBA-ENREDO	24
CAPÍTULO 5 – SAMBA-ENREDO E NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	27
ANÁLISE 1 – CÍRIO DE NAZARÉ	28
ANÁLISE 2 – DOAÇÃO DE ÓRGÃOS	29
ANÁLISE 3 – PAZ NO TRÂNSITO	30
ANÁLISE 4 – PETRÓLEO	31
ANÁLISE 5 – CANA-DE-AÇÚCAR	32
ANÁLISE 6 – PROFETA GENTILEZA	34
ANÁLISE 7 – PARINTINS	35
ANÁLISE 8 – MADEIRA-MAMORÉ	36
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	40
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

Sendo considerado por muitos a maior manifestação cultural brasileira, o carnaval carioca e os desfiles das escolas de samba têm sido foco de alguns trabalhos no Brasil e no exterior. Muitos desses estudos são antigos e se dedicam a analisar a evolução das escolas de samba ao longo de mais de 70 anos de história.

Nesse sentido, fala-se muito da história do carnaval carioca e das escolas de samba e, de uma forma superficial, dos luxos, riquezas e status dos desfiles. Em oposição a isso, poucos estudos discutem as influências políticas e econômicas nas Escolas e nos desfiles, a forma noticiosa dos sambas de enredo e os reflexos na sociedade.

Este trabalho é dividido em cinco capítulos. O primeiro trata de colocar o leitor dentro do mundo do Carnaval, através de um histórico sobre a festa. O segundo tem como assunto principal o impacto social causado pelas escolas samba e pelas notícias. O fator econômico é o tema do terceiro capítulo, que estabelece relação comercial entre as Escolas e os jornais, como empresas de comunicação. O quarto capítulo aponta os pontos em comum entre sambas-enredo e notícias, de forma que ambos tenham a informação como principal característica. A quinta e última parte desta monografia traz análises comparativas entre os objetos de estudo. A partir delas é que se consegue materializar a idéia proposta neste trabalho.

No início deste trabalho tinha-se o intuito de utilizar entrevistas com pessoas envolvidas no Carnaval, em geral, e com a mídia. No entanto, a distância foi um empecilho, já que é no Rio de Janeiro que as escolas de samba encontradas nesse trabalho são sediadas. O contato via telefone ou e-mail, porém, se tornou um problema devido a ausência de uns, pouco tempo disponível de outros e má vontade de muitos. Cabe ressaltar que a não utilização dessas entrevistas não influencia no desenvolvimento da idéia proposta. Elas serviriam apenas como complemento.

Além de provar que os sambas-enredo possuem narrativa noticiosa, este trabalho tem o objetivo de ser pioneiro em estudos que levem o jornalismo à cultura brasileira, no sentido estrutural, de funcionamento e produção. Para isso, serão realizadas comparações conceituais, práticas e técnicas.

METODOLOGIA

Para a realização da parte teórica deste trabalho foi utilizada pesquisa exploratória em livros e em alguns endereços eletrônicos. Na parte de análise, a pesquisa foi totalmente baseada na internet, onde a disponibilidade das letras dos sambas-enredo e do arquivo da *Folha de S.Paulo* é maior. Antes da análise final, verificou-se cerca de 30 sambas com o intuito de escolher aqueles que melhor funcionariam para o desenvolvimento do tema.

Após a escolha dos sambas foi iniciada a procura por notícias que tratassem do mesmo assunto dos respectivos sambas-enredo. Foram pesquisadas matérias de 1995 a 2005, período disponível no site da *Folha* na internet. Nesse mesmo período foi realizada a pesquisa dos sambas.

Passos metodológicos:

- Levantamento bibliográfico em livros e na internet;
- Leituras e fichamento dos livros pesquisados;
- Busca dos sambas e notícias;
- Seleção dos objetos a serem analisados;
- Análise comparativa.

CAPÍTULO 1 - HISTÓRICO

As escolas de samba do Rio de Janeiro e seus desfiles se tornaram ao longo do tempo marca registrada não só do Carnaval carioca, mas também do Carnaval brasileiro, famoso em todo o mundo. Escola de samba, segundo Amaury Jório e Hiram Araújo no livro *Escolas de Samba em desfile* (1969, p.15), “é uma manifestação de folclore urbano, onde um agrupamento de pessoas expressa canto e dança, descrevendo um enredo”. No mesmo livro, os autores explicam que as escolas de samba têm origem no Entrudo, uma antiga festa portuguesa regada à música e desfile de mascarados, que influenciou os blocos de rua do Rio de Janeiro. Já Sérgio Cabral, na obra *As escolas de samba: o quê, quem, como, quando e por quê?*, cita que as Escolas nasceram a partir dos blocos de rua (dos morros e subúrbios), que por sua vez tiveram origem nas taieiras, uma procissão religiosa portuguesa. Com a liberdade de unir essas duas colocações, pode-se dizer que as escolas de samba são provenientes dos blocos de rua, mas principalmente, que suas raízes estarão para sempre fincadas na religião e no folclore português devido à colonização de séculos atrás.

Mas antes de continuar vale estabelecer outros dados históricos. Afinal, antes do Entrudo, outras manifestações populares contribuíram para a formação do Carnaval. Segundo Mikhail Bakhtin, no livro *A cultura popular na idade média e no renascimento*, sátiras poéticas e imitações divertidas de obras literárias animavam a Europa do século XVI. No entanto, a literatura considerada alegre e recreativa era vista como inferior e irrelevante socialmente. Era o início da chamada história do riso. As festividades populares mais comuns ocorriam em procissões. No decorrer das festas, convidados vestidos de monges liam obras cômicas em vez da Bíblia. O que era imoral para a igreja e para alta sociedade se transformava em caricatura. Imagens consideradas grotescas, como as das partes íntimas do corpo, tinham sentido negativo por serem exageradas. Era exatamente pelo exagero que as caricaturas eram feitas.

Mais tarde, o século XVII se chocou com o início do movimento renascentista, e fez com que as manifestações populares passassem a ter uma nova visão e importância na Idade Média. Para Bakhtin,

“O riso tem um profundo valor de concepção de mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso, com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo.” (1987, p. 57)

Já a visão “antiga”, do século XVII, dizia que o riso poderia apenas tratar de assuntos ligados ao povo, considerados negativos. O essencial não poderia ser cômico. Segundo Bakhtin,

“Não se pode exprimir na linguagem do riso a verdade primordial sobre o mundo e o homem, apenas o tom sério é adequado; é por isso que na literatura se atribui ao riso um lugar entre os gêneros menores, que descrevam a vida dos indivíduos isolados ou dos estratos mais baixos da sociedade, o riso é ou um divertimento ligeiro, ou uma espécie de castigo útil que a sociedade usa para os seres inferiores e corrompidos.” (1987, p.58)

O renascimento trouxe, com suas idéias humanistas, vários benefícios à cultura popular da época. A literatura cômica, por exemplo, entrou numa corrente de idéias tradicionais e filosóficas. Os movimentos populares da Idade Média desenvolveram-se fora da esfera oficial de literatura e ideologia da época. Dada essa existência não-oficial, o radicalismo e a liberdade das festas do povo se fizeram diferenciar. O “riso” tinha vida fora dos limites sociais ditados pela Idade Média e por isso possuía privilégios de licença e impunidade quando se tratava de festejos e literaturas recreativas. Era uma sensação social e universal. Ao longo dos anos, com a decomposição do regime teocrático, a língua considerada vulgar começou a fazer parte da grande literatura, ajudou na estabilização do riso como gênero oficial. A evolução se tornara constante. A cultura do riso se transformou em arte.

“Seu universalismo, seu radicalismo, sua ousadia, sua lucidez e seu materialismo deviam passar do estágio de existência quase espontânea para um estado de consciência nova, livre, crítica e histórica da época. Isso foi possível apenas porque, após mil anos de evolução, no curso da Idade Média, os brotos e embriões desse caráter histórico e seu potencia estavam prontos para eclodir.” (Bakhtin, 1987, p. 63).

A relação da igreja com o desenvolvimento da cultura popular na Idade Média não foi tão marcante quanto a influência que o catolicismo teve no início da

história carnavalesca no Brasil. As primeiras festas populares estavam relacionadas com as principais solenidades da Igreja. Maria Laura Cavalcanti, no livro *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*, fala que “os valores do carnaval são cristãos e dialogam muito claramente, com a Semana Santa. Esses valores conferem ao desfile o seu sentido cosmológico, inscrevem-no no movimento de uma civilização”. (1995, p. 213).

Eram nessas comemorações que o povo se divertia. Todo esse movimento foi impulsionado também pelas procissões de *Corpus Christi* que só perderam força com o fim do colonialismo e o início das festas públicas direcionadas às classes burguesas. Os bailes públicos e os teatros musicados se transformaram na tendência dos séculos XVI e XVII após um processo de urbanização de cidades como Salvador e Rio de Janeiro. No entanto, foi com a chegada do século XVIII que a mistura das tradições coloniais européias com as características tipicamente brasileiras começou a estabelecer uma identidade para as manifestações culturais. Em decorrência dessas procissões, nasceu o Entrudo, trazido ao Brasil pelos portugueses, como dito anteriormente.

“Sempre ávidos por acontecimentos que amenizassem o tédio da época, descobriram o festim na Índia. Daí levaram-no para os Açores – onde o Entrudo se tornou um grande campeão de audiência, já nos séculos XI, XII, XIII. No Brasil, a festa aportou num fevereiro qualquer do século XVI e frutificou.” (Menezes, 1994, p. 34).

Deve-se deixar claro que o costume de se fazer festa após as procissões foi, em sua totalidade, herdada dos colonizadores portugueses e não inventada em terras tupiniquins. Antes mesmo de chegarem ao Brasil, os portugueses já tinham a fama de festeiros. Os escravos africanos, em seus países de origem, também tinham o costume de assistir a procissões e de fazer festa. Segundo Lilia Moritz Schwarcz, no livro *A longa viagem da biblioteca dos reis*,

“Não eram só as procissões que brotavam nas ruas. Foguetórios, leilões, batuques, fandangos, cavalcadas, a queima do Judas no sábado santo (proibido em 1821), a festa do imperador do Espírito Santo, os aniversários da realeza, as datas religiosas... qualquer motivo era bom para tirar a cidade da aparente calma semanal.” (2002, pg. 301-2)

O Entrudo possuía duas faces: uma simples e outra perversa. A primeira era romântica e nela as pessoas namoravam e exaltavam a paixão. A segunda era bárbara. As pessoas brincavam de guerra. As armas eram ovos, tomates podres e até urina e bacias cheias de fezes. Segundo Rogério Menezes, no livro *Um povo a mais de mil*, “a brincadeira transformava ruas de Salvador e Rio de Janeiro em praças de guerra e despertava iguais doses de paixão e de ódio” (1994, p. 33). Ainda no século XVII, os cariocas que se envolviam no Entrudo eram punidos pelo governo da cidade. Os negros eram castigados em praça pública. Após mais de um século, a festa chegava finalmente à elite brasileira: o Império. Dom Pedro I se apaixonou pelo Entrudo. Porém, ao contrário do imperador, poderosos da época lutavam para acabar com esse costume. A idéia era substituir o Entrudo pelo Carnaval, que na época era caracterizado pelos mascarados de Veneza, na Itália, e pelos desfiles comportados de carros alegóricos, em Nice, na França. Com o passar do tempo, essa idéia iria por água abaixo.

Entre os anos de 1870 e 1890, o Entrudo e o Carnaval começaram a se misturar. Era o Entruduval ou o Carnentrudo que, segundo Menezes, era uma “explosiva mistura afro-portuguesa que fazia de Salvador um alegre e efervescente caldeirão cultural/social que resultava numa festa carnavalesca com características absolutamente peculiares” (1994, p. 40). Assim, na Bahia, sem se importar com as denominações, o povo se divertia com as batucadas e com os desfiles das sociedades carnavalescas. Concomitante a isso, a pressão da burguesia para acabar com a festa era constante e ficou pior por volta do século XX, quando os jornais baianos passaram a fazer a cobertura dessas festividades e deixar ainda mais exposta as características peculiares da segunda face do Entrudo. As brincadeiras com urinas e fezes chegaram ao conhecimento de um número muito maior de pessoas.

Pressão que pairava também sobre o Rio de Janeiro. Os blocos de rua eram e são até hoje forte expressão do Carnaval carioca. No início do século XX, a violência policial e o preconceito da população eram grandes, quando os blocos saíam às ruas brincando o Carnaval com bandas e componentes fantasiados. Era um ato de coragem sair às ruas. Em oposição aos blocos, os ranchos carnavalescos, comandados por uma pequena burguesia, já desfilavam sem muita restrição. Foi quando, com o início da década de 30, na tentativa de fundar uma agremiação mais

comportada, os componentes do bloco Deixa Falar, do Estácio, na Zona Norte do Rio de Janeiro, liderados pelo sambista Ismael Silva, seguiram o exemplo dos ranchos.

Como os ensaios eram realizados nas proximidades de uma escola normalista, era comum entre os componentes do bloco falar do ensaio na escola. Não demorou a serem comparados aos professores pela comunidade e diziam: “Elas são professoras de letras e nós, professores de samba” (Jório e Araújo, 1969, p. 112). Nasceu assim essa denominação que, sem querer, fez com que grande parte do preconceito cessasse, já que o nome “escola” carregava grande carga de respeito. Outros blocos passaram, então, a esboçar organizações, seguindo modelos mais evoluídos. Por ser um fato passado, questiona-se muito a autenticidade desses dados. Jório e Araújo ressaltam um importante fator:

“Não temos a menor dúvida em afirmar que a palavra escola de samba foi criada no Estácio, em razão disso aceitamos a tese de que a primeira Escola de Samba foi a Deixa Falar. Mas, antes do Deixa Falar já existiam organizações com estrutura de Escola de Samba. Só não existia a palavra Escola de Samba.” (1969, p. 113)

Assim, em 1932, na Avenida Rio Branco, teve início os desfiles das escolas de samba que levavam ainda o nome dos blocos. No entanto, a competição, patrocinada pelo *Jornal do Brasil*, era considerada extra-oficial. A primeira campeã foi a Estação Primeira de Mangueira, que receberia o título por mais dois anos consecutivos em desfiles patrocinados pelo jornal *O Globo*. O ano de 1935 foi marcado pela oficialização dos desfiles que passaram a ter vida legal. De acordo com o livro *Memória do carnaval*, organizado pela RioTur, “com o reconhecimento, as escolas de samba ingressaram no calendário oficial do carnaval carioca, ganham a sigla G.R.E.S. - sigla que significa Grêmio Recreativo Escola de Samba - e o direito do recebimento de uma verba de ajuda para a confecção de seus carnavais, chamada subvenção” (1991, p. 186). A partir daí, as escolas passaram a introduzir o enredo, os sambas-enredo, alegorias e fantasias. Nas décadas de 40 e 50, esses quatro elementos constituíam um esqueleto básico de funcionamento e desenvolvimento, diferenciando-se definitivamente dos blocos e ranchos carnavalescos. Para colaborar nessa construção da identidade das Escolas, foi fundada, em 1952, a AESCRJ - Associação das Escolas de Samba da cidade do Rio de Janeiro - em funcionamento até hoje.

Hoje, esse mesmo esqueleto básico prevalece, variando de Escola para Escola, dependendo da criatividade do carnavalesco responsável pelo enredo. Em 1978, após experimentar diversas ruas, as escolas de samba passaram a desfilar na rua Marquês de Sapucaí, local utilizado até hoje. Foi lá que, em 1984, com obras do governo de Leonel Brizola, foi construída a passarela do samba. O “sambódromo” aperfeiçoou ou espetáculo e fizeram as escolas de samba reféns do chamado *show business*. No mesmo ano, com o intuito de organizar e profissionalizar ainda mais o carnaval carioca, foi fundada a LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba - que administra o desfile do grupo especial.

Uma vez apresentada de forma resumida a história do Carnaval e das escolas de samba do Rio de Janeiro, cabe focar a discussão na evolução dessas Escolas, e em como essa popularidade e importância se tornaram um fator de influência na sociedade.

CAPÍTULO 2 - A INFLUÊNCIA SOCIAL

Segundo a visão da antropóloga Maria Júlia Goldwasser, no livro *O palácio do samba*, “A escola de samba pode emergir em determinado grupo social ordenado, fixado num espaço e regulado por um padrão definido de relações” (1975, p.10). É baseado nessas relações que as escolas de samba são consideradas objetos de um ritual. Antes de continuar, vale conceituar a palavra. Cabe aqui tomar uma acepção ampla do termo. Segundo José Sávio Leopoldi, ritual é uma

“categoria que abrange não só as manifestações de caráter religioso, mas também as que não possuindo conotação religiosa são suscetíveis de expressar aspectos cruciais das estruturas da sociedade em que ocorrem. Considerando, portanto, que os diversos rituais tendem a privilegiar, no seu discurso simbólico, determinados aspectos da ordem social, podemos sugerir que os rituais realizados por uma dada sociedade permitiriam ‘leituras’ variadas da mesma ordem social.” (1978, p. 20-1)

Para Maria Laura Cavalcanti,

“o desfile carnavalesco das grandes Escolas do Rio de Janeiro é um imenso dispositivo ritual de articulação das mais diversas ordens de diferenças. Sua compreensão sobrepassa qualquer tentativa de tipificação da cultura, e traz consigo o tema mais amplo da heterogeneidade das sociedades.” (1995, p. 18)

É também nesse contexto da ordem social que as escolas de samba e seus desfiles se encaixam nesse trabalho.

As Escolas atraem também um público relativamente mais elevado (pertencente às classes média e alta da sociedade) na escala da estratificação social que, como cita o Dicionário de Sociologia (2004),

“é a diferenciação de indivíduos e grupos em posições (status), estratos ou camadas, mais ou menos duradouros e hierarquicamente sobrepostos. Tem caráter social, é antiga, é onipresente, é diversa nas suas formas, tem influência, isto é, as coisas mais importantes, mais desejadas e, freqüentemente, mais escassas na vida humana constituem os materiais básicos, que são desigualmente distribuídos entre os componentes das diversas classes.”

A simbologia desse ritual de estratificação diz respeito à igualdade de classe, raça e a expressões de aspectos estruturais de uma determinada sociedade. Para

Leopoldi, “quando aludimos à estrutura social da agremiação, não nos referimos à realidade empírica, mas a um modelo construído a partir dela e cuja ‘matéria-prima’ são as relações sociais” (1978, p.105). Assim, o estudo das escolas de samba se dá, em grande parte, embasada na sociedade que a rodeia.

Dessa forma, o ponto culminante do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro é a expansão social e o relaxamento das formalidades, ou seja, a folga dos relacionamentos sociais cotidianos. O ritual homogeneiza as classes sociais e dilui as diferenças. Segundo Cavalcanti, no desfile, “a rede de relações sociais traçadas ao longo do ano atinge seu grau máximo de expansão” (1995, p. 212). Outras formas de união sociais são os ensaios das Escolas. Nesse sentido, para Leopoldi, “o setor carnavalesco vai aumentar a frequência dos vários segmentos da população carioca aos ensaios das Escolas, que exprimem, antes de tudo, momentos de sociabilidade, arte e lazer do mundo do samba” (1978, p. 104). Vale estabelecer também, a existência da chamada ideologia do ocultamento, que leva um indivíduo ou sociedade a um afastamento da realidade. A própria sociedade cria estereótipos para se relacionar com o real. Estereótipos, segundo o Dicionário de Sociologia (2004),

“são construções mentais falsas, imagens e idéias de conteúdo alógico, que estabelecem critérios socialmente falsificados. Os critérios baseiam-se em características não comprovadas e não demonstradas, atribuídas a pessoas, a coisas e a situações sociais, mas que, na realidade, não existem.”

Todos esse contexto social é relacionado com a notícia da seguinte forma. A expansão social da notícia pode fazê-la atingir longas distâncias. Os veículos de comunicação se expandiram de tal forma que, com o desenvolvimento da internet, até em tribos indígenas a informação e notícias de todo o mundo estão disponíveis. Essa democratização da notícia colabora na homogeneização da informação, no sentido de ser popular e informar a todas as classes sociais, sobre todas as classes. Da mesma forma que um pedreiro, por exemplo, tem a possibilidade de ler um jornal, ver um noticiário, um político também tem. Obviamente, as condições financeiras têm certa influência, já que é preciso dinheiro para comprar uma televisão ou um jornal.

No entanto, esse processo que faz com que a notícia possa ser acompanhada por todos age como um ponto fixo em meio a movimentação social. É como se ela

fosse uma interseção entre as mais diferentes classes sociais. Por exemplo, a notícia do pentacampeonato da seleção brasileira de futebol ou da morte de Ayrton Senna, chegou ao ouvido de todos, independente do meio de comunicação. Isso causa uma diminuição das diferenças sociais, já que a notícia passa a ser fator comum entre as variadas escalas da estratificação social.

Falar do afastamento da realidade que a notícia pode causar requer a explicação de três lados. O primeiro lado diz respeito à notícia que pode agir afastando seu receptor da realidade, fazendo-o pensar muitas vezes que os acontecimentos narrados não atingem a todos. Geralmente, isso ocorre com notícias das páginas policiais, de acidentes e tragédias. É aquela famosa ilusão de achar que os problemas só acontecem com os outros. Tem a parte do status momentâneo, do minuto de fama. Uma pessoa simples, desconhecida, que aparece em um noticiário de televisão ou tem uma foto divulgada no jornal assume um papel que dura poucos minutos e que não tem mais validade pouco tempo depois. Ela se afasta da realidade, mesmo que por um instante. Já o terceiro lado é justamente o que afeta a todos, o que coloca os pés no chão. Um exemplo: notícias sobre o aumento do salário mínimo ou qualquer decisão do governo que atinja diretamente a população.

As próprias Escolas produzem um universo simbólico que, segundo Leopoldi, é formado por três fatores que se unem: sentimentos de igualdades sociais, identificações entre mundo do samba e mundo social e a integração social celebrada pelo desfile. Sendo mais claro, o mundo do samba no período dos desfiles transfere sua situação inferiorizada a um estágio privilegiado no mundo social, ou seja, as comunidades das Escolas, por exemplo, sentem-se socialmente importantes da mesma forma que os grupos mais destacados do período não-carnavalesco. Representam um papel social que, na verdade, só as pertence nesta época do ano.

É o caso, por exemplo, das passistas das Escolas. Geralmente, são mulheres e até meninas da comunidade que, durante todo o ano, têm uma rotina de trabalho e estudo. Na época do Carnaval, elas adquirem um status temporário. Transformam-se em “estrelas”, representantes originais da tradição da Escola e desfilam com fantasias cuja a confecção é, de forma geral, financeiramente bancada por elas. De um outro lado, existem os luxuosos destaques que, por sua vez, representam o dinheiro, a troca de favores e os interesses particulares. Segundo Cavalcanti, “o destaque da escola de

samba é o lugar assumido da vaidade e do desejo de exibição, da busca ou afirmação de prestígio social, temperados pelo amor ao carnaval.” (1995, p. 201).

Assim, esses postos são ocupados por pessoas diretamente ligadas aos patronos, patrocinadores ou até mesmo à alta direção da agremiação. Todas essas representações só têm validade no momento do desfile, já que todas as atenções estão voltadas para o evento. São papéis interpretados ao público que são resultado de uma rede de relações sociais traçadas dentro da Escola durante o ano. Essa rede de relações, na época do Carnaval, estabelece um processo de comunicação com todos os que vêm o espetáculo, mas especialmente, com a cidade do Rio de Janeiro. Nesse ponto, as Escolas e os seus produtos, os sambas-enredo, são um meio de comunicação social que vem se afirmando ao longo da história dos desfiles, iniciada no século passado. Para Cavalcanti,

“Esse caráter histórico vincula a realização do desfile a forças e atores sociais concretos. O desfile das escolas de samba acompanhou ao longo de quase todo esse século a evolução da cidade do Rio de Janeiro. Sua natureza ritual, a um só tempo agonística e festiva, permitiu-lhe a absorção e expressão dos conflitos e relações da cidade em expansão: as camadas populares e as camadas médias [...]” (1995, p. 213)

Nessa evolução da cidade, o morro sempre se fez, e a até hoje se faz presente. É a lembrança das tradições, do trabalho duro e do amor da comunidade local pelo Carnaval. É a essência de todas as Escolas que são a cara do Rio de Janeiro. Afinal, segundo Leopoldi, “dentre as várias manifestações oficiais e não-oficiais, o desfile das escolas de samba constitui o momento mais significativo do carnaval carioca” (1978, p. 113).

Com a evolução das Escolas, o morro passou a se deslocar para a área central da cidade. Essa mescla do morro com a cidade, do pobre com o rico, das passistas com os destaques fez com que um “novo” mundo fosse criado. Na verdade, esse mundo formado em sua maioria pelas classes baixas, é utópico, irreal, pois só é legitimado socialmente no Carnaval. Conforme Leopoldi, “a rede de relações sociais engendrada por esses segmentos das camadas inferiores da população e decorrente de atividades cujo agente aglutinador era demarcaria o contexto que passou a ser definido como *mundo do samba*” (1978, p. 39). O desfile e a participação no mundo do samba traz aos indivíduo alguns fatores a serem considerados. O fato de existir

uma música (o samba) a ser cantada, uma fantasia a ser rigorosamente vestida e passos marcados a serem seguidos, devido ao tempo limite dos desfiles, não impede que o indivíduo tenha uma plena manifestação do corpo, e representação do papel social, além de não impedir que o indivíduo fuja totalmente da realidade. Leopoldi sugere que

“essa ‘evasão’ propicia ao agente da criação (e a penetração dele) de um universo simbólico idealizado, cujas características variam de um acordo com a ‘estrutura psicológica’ do indivíduo e com a sua experiência efetiva no mundo real (sociedade), mas que, via de regra, integram representações egocêntricas, etnocêntricas, igualitárias e de liberalização plena.” (1978, p. 117)

Essa fuga da realidade fortalece o sentimento de igualdade do indivíduo. No Carnaval, as classes menos privilegiadas sentem-se importantes em oposição à desigualdade realmente vivida. Para Leopoldi, “nesse sentido, a qualidade do ‘humano’ (que homogeneiza os indivíduos) se sobrepõe à qualidade do ‘social’ (que rotula, individualiza e diferencia os mesmo indivíduos)” (1978, p. 120). Essa é construção simbólica que o fator social estabelece nos desfiles, no carnaval carioca. É a construção do mundo do samba, que é “imaginário” e tem valores de exaltação social dos menos favorecidos misturados com os valores do mundo real (conjunto social exterior ao mundo do samba), das possibilidades concretas e fixas. Conforme Leopoldi, “[...]um elemento de um deles é igualmente operativo no outro. Ou, de outra forma, a frustração relacionada à posição inferiorizada no *mundo social* passa a ser compensada simbolicamente pela situação privilegiada no *mundo do samba*” (1978, p. 121)

Para exemplificar o sentimento popular da fuga da realidade, do relaxamento social, Leopoldi cita trechos de algumas entrevistas realizadas com os componentes das Escolas:

- “É uma festa popular onde todo mundo se desprende dos afazeres do ano para viver nos três dias. É uma festa de libertação. Se esquece de tudo para viver no Carnaval”.

- “É uma festa em que são três dias que o cara esquece tudo. É um relaxamento total, onde muitos artistas podem mostrar suas qualidades”.
- “É uma festa do povo, é uma festa popular onde todos se divertem, pobres e ricos”.

Partindo dessas definições populares, Leopoldi estabelece que o carnaval como experiência social

“É antes de tudo propício ao esquecimento das diferenças sociais, em oposição flagrante à realidade social do período não-carnavalesco. Assim é que, comparadas com o procedimento próprio do mundo cotidiano, as normas que regulam a vida social sofrem aparentes reviravoltas no período carnavalesco, quando afloram sentimentos de liberdade e de supressão das barreiras sociais.” (1978, p. 118).

O que se deve deixar claro nesse capítulo, portanto, é que o desfile das escolas de samba é uma mistura de dois mundos: o da sociedade e o da fantasia, e que o indivíduo que participa dessa mistura transfere o sentimento de liberdade aos que apenas acompanham a festa. Segundo Leopoldi,

“o ambiente do desfile das escolas de samba pressupõe a imersão generalizada no mundo da fantasia, a ponto de se poder afirmar que mesmo os espectadores – que via de regra não estão fantasiados – vivenciam plenamente a experiência carnavalesca e participam do ritual aplaudindo as agremiações, cantando seus sambas-enredo ou sambando ao som das baterias.” (1978, p. 120)

O mundo da fantasia é o mundo do entretenimento, das artes e dos espetáculos. Mas não se deve confundí-lo com uma manifestação cultural. Na verdade, o mundo da fantasia é a parte utópica, irreal, momentânea de um mundo cultural idealizado. A cobertura do mundo das celebridades feita por jornais, emissoras de televisão e revistas é um grande exemplo da estrutura desse mundo fantasioso que passa à sociedade histórias de “contos de fadas”. São notícias que transmitem uma alegria mecânica que de certa forma agem como alegria disfarçada, no sentido de que as pessoas que acompanham essas notícias e coberturas da mídia absorvem essa alegria como se fossem delas.

Além da influência social, outro ponto que se sobressai no desenvolvimento da idéia deste trabalho é o fator econômico que, na atualidade, se configura como um fator de dependência para o funcionamento das Escolas e realização dos desfiles.

CAPÍTULO 3 - ESCOLA DE SAMBA: UM FATOR ECONÔMICO

O fator econômico está cada vez mais presente e intenso na vida das escolas de samba. Na verdade, hoje, as Escolas para desfilar dependem completamente de pesados investimentos financeiros. Tudo começou a partir do momento em que as escolas de samba passaram a se adequar aos padrões de consumo da “classe média”. Em 1962, a comercialização do desfile se estabeleceu com o início das vendas de ingressos ao público. Em 1975, as agremiações, sob a coordenação da RioTur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro), passaram a assinar contratos de prestação de serviços como limpeza e segurança. Em 1983, a TV Globo passou a transmitir a festa. Antes disso, em 1973, a extinta TV Rio possuía o direito das imagens dos desfiles.

As Escolas se sofisticavam cada vez mais e se transformaram em superproduções. Fixou-se assim, uma ideologia dominante que teve início ainda no primeiro desfile em 1932, quando um meio de comunicação, o *Jornal do Brasil*, patrocinou o desfile, que por sua vez, transformou-se numa indústria cultural de empreendimentos administrados burocraticamente, para a felicidade dos “poderosos”, ou seja, as pessoas que detinha o controle desses serviços burocráticos. Observa-se aí a tendência de se atribuir conotações empresariais às Escolas. Segundo Amaury Jório e Hiram Araújo, “transformadas as escolas de samba em caríssimos shows ambulantes, não restou outra opção senão apelar para o comercialismo” (1969, p. 299).

O profissionalismo tomou conta do carnaval carioca. As Escolas possuem estrutura para realizar serviços, já sabem como ganhar dinheiro. Meses antes do Carnaval, as grandes Escolas do grupo especial cobram para que o público possa assistir os ensaios.

“Estas reuniões são pouco frequentes de março a setembro. Neste período o público é bem pequeno. A motivação começa a surgir após o mês de outubro, intensificando-se em novembro, para atingir o máximo nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março (quando o Carnaval coincide ser nesse mês), período em que as quadras transbordam de gente de todas as categorias sociais.” (Jório e Araújo, 1969, p. 300)

A Estação Primeira de Mangueira, por exemplo, lota a quadra da Escola, na subida do morro, uma ou duas vezes por semana. O ingresso custa cerca de R\$ 30 e gente de todas as classes sociais prestigia a Escola. É considerada por muita gente a quadra mais animada. Mas nem toda agremiação realiza ensaios na quadra da comunidade. A maioria leva bateria e passistas para ensaiar na Zona Sul do Rio de Janeiro. Assim, além de se aproximarem de um público mais elitizado, arrecadam verdadeiras boladas. Para entrar num ensaio realizado em clubes ou em casa de shows, o público chega a pagar R\$ 70. Deve-se deixar claro que esses ensaios têm fins lucrativos. Não são treinamentos para o desfile, mas sim forma de enriquecer os cofres das Escolas.

Um caso especial são as “madrinhas de bateria”, que se destacam em sua maioria pela fama. Em geral são atrizes e modelos que, como o mulato e o malandro de décadas atrás, se destacam como agentes mediadores entre o mundo do samba e o mundo externo a ele, ou seja, são “pontes” que ligam o imaginário ao real. Além disso, algumas delas contribuem financeiramente com a Escola, geralmente assumindo todos os custos das fantasias dos componentes da bateria. Em um jogo político, as diretorias das Escolas procuram, com essa “inserção de celebridades”, atrair a comunidade local. Caso parecido ocorre com algumas alas. Existem os chamados “presidentes” de ala que bancam as fantasias e geralmente as distribuem para amigos e familiares. As diretorias, em sua maioria, apóiam essas ações, afinal, diminui a saída de dinheiro dos cofres das Escolas. O fato é que esses cargos de diretoria precisam cair no gosto da comunidade. Para Maria Júlia Goldwasser, “qualquer vitória política na escola de samba depende primariamente do apoio do morro” (1975, p. 181), ou seja, da afirmação da comunidade envolvida.

O dinheiro das Escolas não vem apenas com festas e presença de celebridades. Toda agremiação possui um patrono, geralmente empresários, executivos ou socialites que investem seus capitais particulares na escola de samba. De acordo com Jório e Araújo, “os patronos acabam por esperar alguma compensação. Raros são aqueles que o fazem por puro idealismo. As mais das vezes usam as escolas para satisfazer vaidades pessoais. Assumem postos de grande importância e atraem para si uma publicidade exagerada” (1969, p. 307).

O maior exemplo de patronagem são os bicheiros. Dessa forma, falar da relação das escolas de samba com o dinheiro é algo que pede a colocação de um “fenômeno” que muito tem a ver com a magnitude hoje adquirida pelas Escolas: o jogo do bicho.

A partir da década de 40 o jogo do bicho começou a crescer junto com a cidade do Rio de Janeiro, saindo das áreas mais pobres da cidade. Segundo Maria Laura Cavalcanti, “para compreender o carnaval do Rio de Janeiro, é preciso integrar a presença marcante do jogo do bicho aos processos de comercialização e expansão da base social das escolas que com ele se cruzam” (1995, p. 40). Com o enriquecimento dos donos desses jogos, o jogo do bicho passou a preencher economicamente os vazios deixados pelo poder público, enfatizando as ações nas agremiações locais como as escolas de samba.

Os desfiles das escolas de samba eram uma forma de trazer o bicheiro à sociedade metropolitana. Para Cavalcanti, “o desfile mobilizava uma ampla rede de relações, e o dinheiro do bicheiro integra-o a essa rede de forma positiva” (1995, p. 32). Os próprios bicheiros, de acordo com Cavalcanti, se viam como “[...] loucos que estão por trás dos desfiles que põem dinheiro no Carnaval, enquanto outros põem na Suíça [...]” (1995, p. 32).

O fato é que o prestígio social adquirido pelos “banqueiros”, como também eram chamados os bicheiros, era o mais importante para eles. Era uma forma de parecer socialmente útil, já que o capital que eles destinavam às Escolas permitia que a agremiação pudesse realizar um Carnaval mais bonito e luxuoso, tornando-se assim motivo de orgulho para a comunidade.

“Ao mesmo tempo em que racionalizava financeiramente a administração de uma escola, o banqueiro de bicho dispndia num desfile quantias extraordinárias de dinheiro cujo retorno se dava numa outra moeda: o prestígio adquirido com a vitória de ‘sua escola’ no carnaval. A vitória e a boa colocação da Escola correspondia a uma outra vitória: significava o reconhecimento do valor social positivo do banqueiro de jogo do bicho na vida do Rio de Janeiro.” (Cavalcanti, 1995, p. 40)

Mas o interesse não era só aparecer. Com essas ajudas, os bicheiros lucravam. Comandavam o jogo do bicho no território da escola que recebesse o “agrado”. Conforme Cavalcanti,

“o mecenato do jogo do bicho era assim fruto de uma generosidade interessada, tornando socialmente aceitável, e mesmo benvinda, a extraordinária riqueza do bicheiro; favorecendo simultaneamente o controle clandestino da organização do jogo do bicho sobre determinado território.” (1995, p. 33)

No entanto, com a criação da Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa), em 1984, se pensou em gerar recursos distribuídos às Escolas para que as mesmas não precisassem mais da presença dos patronos. Para isso, a Liga, segundo Cavalcanti,

“[...] racionalizou financeira e administrativamente aspectos importantes da organização do desfile: imprimiu seu próprio disco, recebia parte da renda relativa à vendagem dos ingressos, vendia diretamente para os canais de televisão os direitos para transmissão do desfile, repassando o montante dessas rendas às escolas de samba do grupo especial.” (1995, p. 38)

Essa associação do jogo do bicho às escolas de samba é um fator histórico e específico do Rio de Janeiro, o que não obriga a toda e qualquer Escola obter esse tipo de relação. Cavalcanti coloca que “no resto do Brasil, e mesmo no Rio de Janeiro, há Escolas que sobrevivem sem o jogo do bicho” (1995, p. 39).

Os patrocínios de grandes empresas têm se tornado cada vez mais freqüentes. No entanto, acontecem na maioria das vezes quando se trata de um enredo relacionado com a área de atuação da empresa. Um exemplo: em 2002, a Escola Acadêmicos do Salgueiro tratou em seu enredo a história de Santos Dumont e da aviação brasileira. Dessa forma, a empresa aérea TAM colaborou financeiramente com a campanha da Escola. Em retribuição, todas as blusas, panfletos, cartazes ou qualquer tipo de publicidade da Escola trazia a logomarca da TAM. Outro exemplo: Em 2005, a Mangueira trouxe ao público um enredo sobre energia elétrica. A Eletrobrás, empresa do ramo, deu uma contribuição em troca de publicidade. A prefeitura da cidade do Rio de Janeiro dá, anualmente, uma colaboração para a realização dos carnavais das Escolas. Recentemente, construiu a “cidade do samba”, que veio para substituir os barracões apertados das agremiações e proporcionar mais qualidade de trabalho para os funcionários das Escolas. Lá, todas as escolas de samba do grupo especial possuem espaços iguais.

Na época do desfile, as Escolas procuram recombinar ingredientes sociais. Esse processo ocorre diferentemente em cada Escola, já que, mesmo guardando certa semelhança entre si, são classificadas em dois extremos: grandes e pequenas Escolas. Para explicar essa classificação, José Sávio Leopoldi, diz que “a potencialidade da agremiação é referida em termos de quantidade de componentes que mobiliza para o desfile de Carnaval, bem como à possibilidade econômica de enfrentar gastos suficientes para realizar uma apresentação magnífica” (1978, p. 87).

Concomitante a isso, mecanismos de organização passam a ter grande importância na construção do desfile e no desenvolvimento do enredo durante todo o ano. As Escolas adquirem status caracteristicamente empresarial. Para Leopoldi, “a Escola é uma empresa. Precisa de gente que cuide de sua parte financeira, precisa de um advogado, de um contabilista, de gente que saiba se apresentar em qualquer lugar” (1978, p.102). Além disso, essas funções dentro da agremiação são cada vez mais variadas. Hoje, auxiliares administrativos, auxiliares de informática, costureiras, assessores de imprensa e de relações públicas formam parte de uma equipe montada para “fazer Carnaval”. De certa forma, contribui para a diminuição do desemprego no Brasil, não só na época da festa, mas durante todo o ano nos barracões e nas sedes das agremiações.

Todos os fatos relacionados ao poder, ao longo do tempo, fizeram com que as Escolas se tornassem jornais, no sentido empresarial e de organização da informação e comunicação. Hoje, a grande maioria dos veículos de comunicação, como o jornal, adquiriu o status de empresa e, de fato, passou a funcionar como uma. Antigamente, o diretor de um jornal era o próprio jornalista. Hoje, devido à grandeza dos empreendimentos jornalísticos a liderança nos jornais é feita por empresários, um homem de negócios. Mas existem exceções. Há jornalistas que são empresários de jornal.

Teoricamente, os jornais devem agir independentes a esse contexto empresarial que muitas vezes ditam regras e fortes linhas editoriais, podendo influenciar no desenvolvimento comercial. Nesse sentido, para Alberto Dines, no livro *O papel do jornal*, “[...] a empresa só chega a ter força e a produzir lucro depois de uma fase em que o jornal, sendo pequeno, adota um comportamento livre e firme.

Graças, justamente, à sua independência e determinação, é que o jornal se torna respeitado e influente” (1986, p. 108).

O papel do jornal é manter o compromisso com a verdade. No entanto, dentro de uma empresa jornalística, a busca por melhores cargos e posições faz com que os funcionários não queiram arriscar as posições alcançadas. Assim, se passou a seguir uma linha de raciocínio ditada pelos interesses econômicos. É justamente por ter característica de uma empresa, que o jornal “[...] tem a obrigação de ser eclético, abrigando vários concorrentes e tendências de pensamentos” (Dines, 1986, p. 109). Mesmo sendo particulares, os jornais-empresa têm compromisso com a opinião pública.

Dentro de uma empresa jornalística, o jornalista, transmissor dos fatos, deve saber se posicionar com relação aos fatores empresariais e econômicos que possam ser colocados em questão. De acordo com Dines,

“jamais se deve misturar o jornalismo com o faturamento, o que resulta naquilo que, em gíria de jornal, convencionou-se chamar de ‘picaretagem’. Mas, com a ajuda do discernimento e imaginação do jornalista, pode o gerente comercial descobrir novas oportunidades de publicidade [...]” (1986, p. 114).

A publicidade é um fator de semelhança no funcionamento de um jornal e de uma agremiação carnavalesca. As Escolas, para colocar o enredo na avenida, são patrocinadas por empresas em troca de publicidade em produtos de divulgação do enredo da escola, inclusive nos camarotes que cada escola possui na Marquês de Sapucaí. Outra relação entre as duas partes se dá através do compromisso com a opinião pública, já citado. Esse compromisso é uma característica forte em uma escola de samba. O trabalho de quase um ano de elaboração do enredo, fantasias, sambas e afins, só tem validade quando a opinião pública aceita determinada “exposição”. O mesmo acontece com o jornal.

O jornal-empresa tem funcionado bem devido à simplificação e direção estratégica dos empresários em comunhão com o esforço do jornalista. Essa relação passou a ser necessária, pois as tarifas arrecadadas com a circulação dos jornais passaram a não ser suficientes para dar lucro ou cobrir os gastos. Com isso, a existência de uma estratégia econômica, comercial e de marketing, por exemplo, se tornou de extrema necessidade. Mas é a burocracia, tão famosa na linguagem dos

negócios, que coloca um ponto crucial na relação entre jornais e escolas de samba. Ambas possuem regras a seguir.

O nome “empresa” trouxe às duas “instituições” um caráter material, ponto fraco dessa questão. No entanto, o trabalho diário de quem faz jornalismo e Carnaval ainda é o principal. Para Dines, “a tecnocracia e seu filho espúrio, o materialismo, estão perdendo a grande batalha para o homem e seus valores” (1986, p. 139).

As escolas de samba são grêmios recreativos regidos por estatutos sociais. Para possuir vida legal, dentro da lei, a Escola precisa estar registrada em cartório, ter licença concedida pela polícia especializada, diretoria constituída e sede administrativa, o que reafirma a idéia das ações como empresa. O produto principal dessa empresa-escola é o desfile, que tem a comunicação máxima feita através dos sambas-enredo. Os sambas, dessa forma, agem para as Escolas, como as notícias agem para um jornal. Deve-se colocar também, que as estruturas administrativas dos jornais e das Escolas são comuns a qualquer organização empresarial: presidentes, diretores, secretários, advogados, assessores etc.

Na parte de criação, o papel do carnavalesco se assemelha ao de um editor, já que é o carnavalesco que decide se a letra do samba está fielmente na linha do enredo proposto. Os jornalistas, nesse caso, produtores da notícia, ou melhor, do samba, são os compositores. Eles têm como função informar o público, com qualidade, em duas ou três estrofes de uma letra de música.

Traçando mais uma linha de semelhança entre o jornal e a escola de samba, tanto a notícia quanto o samba-enredo têm um objetivo: informar de forma criativa, para prender atenção do leitor e do espectador, respectivamente. Segundo Elcias Lustosa, no livro *O texto da notícia*,

“o relato de uma informação, sem nenhuma criatividade, com as qualidades do texto de uma ata de assembléia condominal, não despertará interesse dos consumidores do bem simbólico notícia. Além de atraente e emocionante, a matéria terá de conter também alto grau de comunicabilidade [...]” (1996, p. 85).

Dessa forma, os jornais e as Escolas, como fábricas que são, possuem uma linha de produção e dependem essencialmente dela.

É assim que as escolas de samba trabalham na transmissão da informação. Entretendo, porém informando de uma forma mais leve e fácil. É a notícia agindo

como espetáculo. Enfim, os pontos de semelhança entre as escolas de samba e os jornais, adotados aqui, são:

- Funcionamento como empresa;
- Predominância da burocracia nas atividades correntes;
- Compromisso com a opinião pública;
- Forte relação com a publicidade;
- Caráter criativo na transmissão dos fatos;
- Transmissão de fatos (notícias).

Esse último ponto de semelhança se configura como a base da discussão proposta ao longo desta monografia, tendo em vista que o samba-enredo age como notícia. Essa relação será explicada no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 4 - A RELAÇÃO ENTRE NOTÍCIA E SAMBA-ENREDO

O objetivo principal desse capítulo é mostrar os pontos de semelhança que existem entre os sambas-enredo e as notícias. Inicialmente, deve-se falar um pouco dos objetos em questão.

As escolas de samba podem ser consideradas “veículos de comunicação” pela grandiosidade e poder de chegar a grande massa. Desta forma, o ponto máximo das agremiações carnavalescas são os sambas-enredo que, como produto desses veículos, podem ser considerados relatos de um fato ou uma notícia. O jornalista Nilson Lage, no livro *Estrutura da notícia*, fala que “do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. (1993, p. 16). Deve-se levar em consideração os chamados “critérios de noticiabilidade”, que para Fidalgo (2004), “ajudam, como base de partida, a promover ou a ignorar um dado acontecimento. Ingredientes como a novidade, a atualidade, a proximidade e a relevância social, são habitualmente referidos como obrigatórios para notícia”.

Geralmente, os enredos das escolas de samba tratam de fatos históricos ou personalidades. Concomitante a isso, trazem o tema de forma atual, buscando sempre a aproximação com o povo, que acontece nos ensaios e no desfile. Os enredos adquirem, ainda, uma responsabilidade de informar a sociedade vigente sobre fatos passados de grande importância na própria formação da sociedade. Não deve esquecer, no entanto, que esse processo foi e é muito influenciado pela mídia e pelos poderes político e econômico.

Pode-se dizer que o samba-enredo é a trilha sonora do enredo, como se fosse a música tema de um filme. É um samba que vai embalar as Escolas durante toda a preparação para o Carnaval e, principalmente, no momento do desfile. É uma música de linguagem totalmente coloquial e popular, não seguindo regras técnicas de composição. No entanto, no livro *Memória do Carnaval*, organizado pela RioTur, o professor Ivan Cavalcanti coloca que “[...] a letra do samba de enredo possui sua sintaxe interna, isto é, aquela que serve à comunicação específica popular” (1991, p. 319).

A confecção do samba-enredo e a escolha do samba ideal é crucial dentro de uma Escola. A partir do momento que a direção da Escola, em comunhão com o carnavalesco, decidem o tema a ser “carnavalizado”, ou seja, o enredo, é dada a largada para uma competição de compositores. Eles fazem os sambas que são julgados por uma comissão especial que nem sempre é composta apenas por representantes da agremiação. É comum a presença de conhecedores do assunto e estudiosos. Eles escolhem o samba que melhor retrata o enredo proposto pelas Escolas que, de forma geral, chegam a ter, por ano, cinco ou mais sambas sobre o mesmo enredo, o que mostra o tamanho da concorrência.

Esses compositores podem escrever sambas de dois tipos: descritivos ou interpretativos. O primeiro, segundo o livro *Memória do Carnaval*, “[...] é aquele que o autor (ou autores) se preocupa em contar detalhes do enredo. É, em geral, longo (com mais de 20 versos) e de difícil memorização. A melodia, em regra, não é criativa, muitas vezes tornando-se repetitiva” (1991, p. 319). Já o samba de enredo interpretativo, conforme o mesmo livro, “[...] é aquele que conta o enredo sem se fixar em detalhes, mas contendo implicitamente a idéia, o espírito dos principais itens do tema. Os versos são, portanto, mais curtos e de mais fácil memorização. As melodias por vezes são mais criativas” (1991, p. 319).

Esse último tipo de samba-enredo tem sido cada vez mais utilizado pelas Escolas, visando maior interação do público com o samba. Já que os versos são pequenos e fáceis de memorizar, os espectadores aprendem a letra mais rápido, podendo assim, cantar e acompanhar todos os ensaios e principalmente o desfile, ajudando a Escola como se fosse um coro.

Em todos os carnavais, os grandes sambas que marcaram a história foram os que estavam na boca do povo. É um termômetro para a Escola. No entanto, as informações que o enredo possibilita ao público são passadas de forma mais oculta, ou melhor, de forma mais resumida, sintética, ao contrário dos sambas descritivos que detalham mais a informações. Talvez por essa característica, os sambas se pareçam mais com uma notícia mas, neste trabalho, o samba de cunho mais popular, mesmo que menos detalhadamente noticioso, é o objeto a ser analisado porque aborda todos os assuntos de forma que a sociedade se sinta mais informada, ou seja, de forma que seja mais fácil para o público absorver as informações do enredo.

Pode-se traçar um paralelo com as notícias de um caderno de notícias de cidade ou geral, que segundo Elcias Lustosa, no livro *O texto da notícia*, “[...] adota uma codificação própria a partir da experiência de vida da comunidade, preservando-a para uma melhor compreensão [...]” (1996, p. 143), ou seja, a grande semelhança é que, como as notícias de cidade, os sambas-enredo falam sobre tudo, tratam de variados assuntos da humanidade como religião e política, por exemplo. É como se a cidade para a notícia/samba fosse o mundo. A grande diferença é que uma notícia de um caderno local possui uma escala menor comparada ao samba-enredo, que tem um alcance muito maior. Ambos tratam de assuntos gerais só que em escalas diferentes, afinal, o Carnaval é uma festa gigantesca.

Seguindo essa linha de estabelecer comparações, os sambas-enredo possuem o lado sensacionalista da notícia. Não é apenas informar, mas também entreter, prender o público ou o leitor, respectivamente. Para Lustosa, “Além da narração do fato, a notícia agrega ou até mesmo exige um tratamento sensacionalista para interessar quem vai comprá-la” (1996, p. 32). Para deixar mais claro, o sensacionalismo, apresenta características fantasiosas, imaginárias e místicas que são desejadas pela sociedade. Esses adjetivos podem ser tranquilamente transferidos aos sambas de enredo, pois eles tratam do humano, de histórias, heróis e lendas. Ainda conforme Lustosa,

“o relato do fato implica uma abordagem própria, ou melhor, implica a construção de um discurso que emocione ou cause sensações. Além da produção de informações que atendam ao interesse de saber sobre alguma coisa, a notícia descreve fatos que nos emocionam e que despertam nosso interesse” (1996, p. 33).

Cabe agora realizar a análise dos sambas-enredo em comparação à narrativa noticiosa das notícias, ou melhor, de trechos dos sambas e das notícias que tenham caráter informativo.

CAPÍTULO 5 - SAMBA-ENREDO E NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DA INFORMAÇÃO

Antes de iniciar as análises comparativas dos sambas enredo e das notícias, deve-se deixar claro que as narrativas em questão são distintas. A da notícia é mais técnica, pragmática e tem o compromisso com a verdade. Já a letra do samba é divertida, curta e possui características musicais, muitas vezes rimadas.

Para a realização dessas análises, foram utilizadas matérias da *Folha de S. Paulo*, publicadas entre 1995 e 2005. É desse mesmo período os sambas-enredo colocados neste trabalho.

ANÁLISE 1 – CÍRIO DE NAZARÉ

Em 2004, a Unidos do Viradouro, escola de Niterói, lançou o enredo “Pedi pra Pará, parou! Com a Viradouro, eu vou ao Círio de Nazaré”. O samba fala do Círio de Nazaré, uma grande festa religiosa que acontece no Pará. A festa tem o ponto máximo de atração, nas procissões em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. No trecho “No mês de outubro, em Belém do Pará são dias de alegria e muita fé”¹, a época da festa e a característica religiosa são verificadas. Dessa forma, matéria da *Folha de S. Paulo*, publicada no dia 11/10/04, traz a seguinte frase: “O círio, homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, é realizado todos os anos no segundo domingo de outubro [...]”². Esse trecho confirma as informações contidas na letra do samba.

Em outra parte do samba são contados o período do dia em que ocorre a festa e a denominação dos fiéis. “[...] Começa com extensa romaria matinal, o Círio de Nazaré”³. Na mesma notícia citada anteriormente, o trecho “Ontem pela manhã, em Belém (PA), cerca de dois milhões de romeiros do Brasil e de outros países participaram de uma das maiores romarias do catolicismo [...]”⁴, especifica que a procissão ocorre pela manhã e é feita por romeiros.

O último trecho desse samba enredo a ser analisado fala dos pedidos e orações dos fiéis. “[...] e o romeiro a implorar, pedindo à dona em oração para lha ajudar. Oh, Virgem Santa, Olhai por nós [...]”⁵. Na notícia a semelhança de informação se dá no trecho “Entoando cantos religiosos e fazendo orações, os fiéis percorrem [...]”⁶.

Enfim, os pontos comuns à letra do samba e à notícia são:

- Data e local da festa (outubro, Belém)
- Período (matutino)
- Homenagem à Nossa Senhora de Nazaré
- Características da festa (procissões, romarias, orações)

¹ Letra completa no anexo um.

² Íntegra da notícia no anexo dois.

³ Letra completa no anexo um.

⁴ Íntegra da notícia no anexo dois.

⁵ Letra completa no anexo um.

⁶ Íntegra da notícia no anexo dois.

ANÁLISE 2 – DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

Em 2003, a Mocidade Independente de Padre Miguel propôs um tema social: a doação de órgãos. O samba “Para sempre no seu coração, carnaval da doação” trata de conscientizar as pessoas sobre a importância dessa pauta que sempre causa discussões. O papel da família nessa decisão é primordial. Tanto que no trecho “Só o doador faz a vida prosseguir. Basta se conscientizar, a família querer aceitar, pro sonho se realizar”⁷, essa questão fica bem explícita. Questão firmada também pela matéria “Campanha vai estimular doação de órgãos”, publicada pela *Folha* em 15/11/2003, que traz números, opiniões e medidas públicas para tratar do assunto. O trecho “Hoje, mesmo que uma pessoa deixe registrado em cartório sua opção pela doação, a família pode vetar o transplante”⁸ explica bem o poder que a família detém nesses casos.

Samba e notícia agem, na verdade, como parte de uma campanha nacional. Os trechos dos refrões da música “[...] Amar é dar e receber [...]”⁹ e “[...] Abrace essa corrente pela vida [...]”¹⁰, são praticamente slogans de incentivo, como os que a repórter Fabiana Leite coloca no lide da matéria: “[...] ‘A melhor herança que você pode deixar’. ‘Seja feira sua vontade, seja um doador’. Com slogans como esse, o Ministério da Saúde pretende reduzir [...]”¹¹.

No samba da Mocidade, o trecho “Renovando conceitos sociais [...]”¹² fala da necessidade de mudar a cabeça do povo. Na notícia, o então ministro da saúde fala da falta de uma cultura de doação no país. “A maior parte dos transplantes de rim (54%) é feita a partir de doadores vivos, e não de cadáveres, dado contratante com o de outros países. ‘Ainda existem questões culturais, falta de informação’, disse ontem o ministro da saúde, Humberto Costa.”¹³

⁷ Letra completa no anexo três.

⁸ Íntegra da notícia no anexo quatro.

⁹ Letra completa no anexo três.

¹⁰ Letra completa no anexo três.

¹¹ Íntegra da notícia no anexo quatro.

¹² Letra completa no anexo três.

¹³ Íntegra da notícia no anexo quatro.

ANÁLISE 3 – PAZ NO TRÂNSITO

Da Mocidade, o samba “Não corra, não mate, não morra. Peque carona com a Mocidade! Educação no trânsito”, trata mais uma vez de um tema social e público. É uma verdadeira campanha pela paz no trânsito.

A matéria dos repórteres Amarilis Lage e Alencar Isidoro fala da grande quantidade de acidentes de trânsito na região Norte e dá um panorama geral desse quadro no Brasil. No trecho

“Os registros do Ministério da Saúde, baseados em atestado de óbito, apontaram mais de 32 mil mortes em acidente de trânsito em 2002, montante que dá ao Brasil uma taxa de 18,7 vítimas por 100 mil habitantes. Trata-se de um índice superior ao de países desenvolvidos da Europa [...]”¹⁴,

O Brasil é apontado como um dos campeões de acidentes. Na letra do samba, a semelhança acontece com a seguinte parte: “Basta de tanto acidente, não seja imprudente, subir ao pódio assim não dá, meu Brasil.”¹⁵

O lide da matéria “Álcool é combustível de tragédia pessoal”, da repórter Isabelle Somma, tem o mesmo significado que o primeiro refrão do samba. O trecho do lide diz o seguinte: “Rogério Francisco Oliveira, 21, bebeu muito em uma festa, quando tinha 19 anos, e fez o certo: entregou o carro para alguém dirigir”.¹⁶ A notícia fala de mortes causadas pela combinação entre bebidas alcoólicas e volante, o que se tornou bastante comum. Já o refrão do samba: “[...] velocidade é ilusão. Dirijo meu carro, se tomo um pileque, dou a vez na direção”.¹⁷ Esse trecho é, na verdade, uma forma de alerta, de educação.

¹⁴ Íntegra da notícia no anexo seis.

¹⁵ Letra completa no anexo cinco.

¹⁶ Íntegra da notícia no anexo sete.

¹⁷ Letra completa no anexo cinco.

ANÁLISE 4 – PETRÓLEO

O samba “Da terra brotei, negro sou e ouro virei”, da Caprichosos de Pilares, fala da importância do petróleo e de coisas básicas dessa riqueza, como por exemplo, a simples informação que é do fundo do mar que ele é extraído. Na segunda estrofe da letra, o trecho “Na Babilônia o árabe usava em construção e, até hoje, ainda é o seu quinhão”¹⁸ trata, em poucas palavras, um pouco da história e da atual riqueza petrolífera dos países árabes. É o tópico do trecho “[...] a Arábia Saudita, um dos maiores fornecedores de petróleo do mundo [...]”¹⁹ da matéria “Óleo tem o maior valor em cinco semanas” da redação da *Folha*. A matéria cita ainda, outros países como Egito, Kwait e Síria, que comandam grande parte do comércio internacional de petróleo.

O petróleo, no Brasil, tem grande importância comercial. A Petrobras é uma das grandes empresas desse ramo. Na letra do samba de 1995, esse fator é colocado da seguinte forma: “Brasil, jóia que a mãe natureza não negaria essa riqueza. E esse Lobato é genial, hoje o sonho é realidade”.²⁰ O lide da matéria escrita por Cláudia Trevisan trata muito bem dessa potência que é a Petrobras, que pode ser considerada esse sonho que virou realidade, no trecho

“A Petrobras pretende dobrar até 2007 o peso das atividades internacionais na receita obtida por todos os seus negócios. Presente em seis países, a estatal deve investir no período US\$ 5,1 bilhões para expandir suas operações fora do Brasil, com prioridade para a Argentina e a Nigéria. A empresa prepara também sua volta ao Oriente Médio”.²¹

¹⁸ Letra completa no anexo oito.

¹⁹ Íntegra da notícia no anexo nove

²⁰ Letra completa no anexo oito.

²¹ Íntegra da notícia no anexo dez.

ANÁLISE 5 – CANA-DE-AÇÚCAR

A cana-de-açúcar foi o enredo de 2004 da escola Acadêmicos do Salgueiro. A escola faz, no samba, um apanhado histórico do produto e conta de onde ele veio, os tipos de açúcar e a utilidade ambiental. Assim, é na segunda estrofe que as maiores informações são dadas.

“Pelo tempo, adoçou a economia, com a evolução, ganhou outro ‘sabor’. O álcool, o progresso movia, coisa que Caminha nem imaginou. E mesmo sem destronar o ouro negro, já desvendaram seus segredos, o nosso jeito de abastecer. Sonho vê-lo enfim, em seu reinado. Meio ambiente preservado, conquistando o ‘espaço’, infinito alvorecer”.²²

A análise e comparação desse trecho devem ser feitas por partes. A primeira frase fala da economia. Nesse sentido, pode-se associar à seguinte parte da notícia publicada em 16/12/2003: “O setor sucroalcooleiro termina o ano com o humor bem melhor do que no ano passado. A safra está praticamente no fim e os números já mostram uma série de recordes”.²³

Com o tempo, a cana virou combustível - o álcool, que vem se firmando no Brasil, mesmo sem superar a gasolina. É o jeitinho do brasileiro de abastecer o carro. Trechos de duas notícias diferentes podem retratar isso. A frase “Os dados nacionais indicam que a moagem de cana atingirá 350,3 milhões de toneladas, onde serão extraídos 24,2 milhões de toneladas de açúcar e 14,4 bilhões de litros de álcool”²⁴, da matéria de Mauro Zafalon, mostra que o álcool é proveniente da cana-de-açúcar, o que segundo consta no samba, é a evolução, o outro sabor. Já a matéria de Eduardo Pereira de Carvalho traz o seguinte trecho, que mostra o aumento da preferência da população pelo álcool em detrimento da gasolina: “Neste momento, em que o Brasil vem retomando a produção de álcool e está criando um mercado novo, representado pelos veículos multicomcombustíveis (rodam com álcool e gasolina), é imprescindível a credibilidade junto ao consumidor [...]”.²⁵

No fim da estrofe do samba citada acima, a questão ambiental relacionada ao álcool é ressaltada. Assunto que é tratado também, na matéria de Eduardo Pereira de

²² Letra completa no anexo 11.

²³ Íntegra da notícia no anexo 12.

²⁴ Íntegra da notícia no anexo 12.

²⁵ Íntegra da notícia no anexo 13.

Carvalho. “Isso sem falar no diferencial ambiental positivo representado por esse combustível limpo e renovado, oriundo da cana-de-açúcar, que nos confere liderança no plano internacional quando o assunto é seqüestro de carbono e combate ao efeito estufa”.

O refrão do samba “o combustível do futuro é brasileiro”, releva ainda a importância do álcool e a provável potência mundial que ele pode se tornar. Afinal, o preço é grande atrativo.

ANÁLISE 6 – PROFETA GENTILEZA

A Grande Rio levou para a Marquês de Sapucaí, em 2001, o enredo “Gentileza ‘X’ – o profeta do fogo”. Essa análise é um caso interessante. Uma das notícias utilizadas fala justamente sobre a própria escola e enredo proposto pelo carnavalesco Joãozinho Trinta.

Os trechos da letra, “A mudar o seu destino, renuncia a ambição, ao seguir a intuição José Datrino”²⁶ e “[...] E poeta foi bem mais, deixando nas pilastras, as palavras imortais com a sabedoria universal, pregava contra o mundo desigual. Gentileza para perfeição, violência não”²⁷ resumem bem o motivo pelo qual o ex-empresário ficou tão famoso na cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, o trecho da matéria da sucursal da *Folha* no Rio, fala o seguinte:

“É a história do empresário José Datrino, que após a morte de 500 pessoas em um incêndio no circo de Niterói, no início dos anos 60, abandonou família e emprego, vestiu sandálias e uma túnica e saiu pregando a gentileza como a salvação do mundo. Nos últimos anos de sua vida, escreveu pregações nas pilastras do viaduto do Caju, Zona Norte do Rio”.²⁸

A estrofe inicial do samba conta a tragédia e a forma misteriosa através da qual José Datrino resolveu mudar de vida. “Na arena alegria e dor, triste legado que a Roma pagã deixou. Pelas vozes foi guiado [...]”.²⁹ Outro texto da sucursal da *Folha* no Rio explica bem o significado desse trecho do samba: “Seis dias após o incêndio, antevéspera do Natal, ele acordou ouvindo ‘vozes astrais’ que o mandavam abandonar o mundo material e se dedicar apenas ao espiritual”.³⁰

A história de Gentileza mobilizou muitas pessoas, principalmente no Rio de Janeiro. Muitos não gostaram das pregações do profeta e tentaram apagar, pintando as pilastras. Ainda assim, as pregações continuaram vivas e as pilastras se tornaram um ponto turístico da cidade. A cantora Marisa Monte escreveu uma música sobre a história.

²⁶ Letra completa no anexo 14.

²⁷ Letra completa no anexo 14.

²⁸ Íntegra da notícia no anexo 15.

²⁹ Letra completa no anexo 14.

³⁰ Íntegra da notícia no anexo 16.

ANÁLISE 7 - PARINTINS

A festa de Parintins, no Amazonas, é o tema do samba de 1998 do Salgueiro. A letra fala da dança, da disputa, do local e tradições. A dança, no caso, é detalhada no trecho “São dois pra lá (ê boi), são dois pra cá. Dança nativa dos Parintins, que maravilha [...]”.³¹ Já na notícia da *Folha de S. Paulo*, a repórter Mirna Feitoza fala que “as coreografias são marcadamente inspiradas em passos de danças indígenas”.³²

Um segundo ponto a ser colocado, diz respeito ao refrão do samba que fala do “duelo” que existe por trás da festa. “Gira meu boi, meu boi-bumbá. Um lado azul, outro vermelho, as cores do festival. É garantido, é caprichoso, o carnaval”.³³ Na mesma notícia citada anteriormente, o trecho referente ao refrão acima diz que “[...] desde o início do século a tradição do boi de Parintins emociona e divide a cidade em dois lados. Do lado azul e branco, os simpatizantes do boi Caprichoso. Do lado vermelho e branco, os do Garantido. Quem vai ao festival, não volta sem escolha”.³⁴

O terceiro ponto de semelhança trata da tradição da festa. No samba, na segunda estrofe, aponta-se tal trecho: “Veio de longe o meu boi-bumbá. Entre rituais nativos, magias e lendas”.³⁵ Já na matéria, “O espetáculo representa mitos e lendas amazônicas, misturados a elementos do tradicional bumba-meu-boi do Maranhão, da cultura indígena e da vida do caboclo do Amazonas”.³⁶

É válido ressaltar que Parintins é uma ilha que fica a mais de 400 quilômetros de Manaus. O acesso a ela só pode ser feito pelo rio. Por não ter uma estrutura que suporte a magnitude do evento, os barcos, que fazem a travessia até a ilha, servem também como hotéis para os turistas.

³¹ Letra completa no anexo 17.

³² Íntegra da notícia no anexo 18.

³³ Letra completa no anexo 17.

³⁴ Íntegra da notícia no anexo 18.

³⁵ Letra completa no anexo 17.

³⁶ Íntegra da notícia no anexo 18.

ANÁLISE 8 – MADEIRA-MAMORÉ

“Madeira-Mamoré, a volta dos que não foram lá no Guaporé” é o título do samba enredo da Grande Rio, levado ao sambódromo em 1997. A letra fala da polêmica rodovia que envolvia mistérios, política e interesses comerciais.

No trecho “Chegaram cheios de esperança, não sabiam dos mistérios que teriam que enfrentar. Essa mata tem segredos que o homem não consegue desvendar”.³⁷ A notícia da *Folha*, publicada em 22/02/2005, traz o seguinte trecho que afirma essa parte da letra:

“A estrada começou a sair do papel em 1907, depois de ser incluída entre as obrigações assumidas pelo Brasil como contrapartida à aquisição do território do Acre, e foi concluída em 1912, mediante a mobilização de milhares de trabalhadores recrutados de várias partes do mundo. Manoel Rodrigues Ferreira calcula em mais de 6.000 o número de mortos em consequência de doenças adquiridas na área de construção”.³⁸

Uma dessas doenças era a malária, considerada na época um verdadeiro mistério para todos. Na primeira oração desse trecho da notícia, a aquisição do Acre pelo Brasil é lembrada. No samba o trecho que faz menção a isso é o seguinte: “No tratado de Petrópolis tudo começou. O Acre da Bolívia ganhei e a borracha para o mundo exportei”.³⁹

O principal objetivo da construção da ferrovia era fazer o transporte da borracha de forma mais rápida, já que os trens, no século XIX, apareceram como grande meio de transporte. Os EUA passaram a investir também. No entanto, um imprevisto jogou todo o trabalho no lixo. Os trechos do samba “[...] Nessa história o Tio Sam também entrou [...]”⁴⁰ e “[...] Na Maria louca delirando eu vou, em sucata meu sonho terminou”⁴¹, falam dessa participação americana e do fracasso da ferrovia que era chamada de “Mad Maria”.

Assim, dois trechos de matérias diferentes da *Folha de S. Paulo* confirmam essa idéia. O primeiro, de matéria do dia 23/01/2005, diz que

³⁷ Letra completa no anexo 19.

³⁸ Íntegra da notícia no anexo 20.

³⁹ Letra completa no anexo 19.

⁴⁰ Letra completa no anexo 19.

⁴¹ Letra completa no anexo 19.

“A Madeira-Mamoré foi concluída pelo empreendedor americano Percival Farquhar. O governo brasileiro investiu na ferrovia para compensar a Bolívia pelo território do Acre. A ferrovia iria superar 19 cachoeiras dos rios Madeira-Mamoré que dificultavam o transporte de borracha da Bolívia Para o Atlântico, via Amazonas. Mas, ao ser concluída a borracha entrava em decadência”.⁴²

O segundo trecho, da matéria de Paulo Roberto Cimo Queiroz aponta que “A Mad Maria virou uma ‘ferrovia fantasma’ no ano em que foi concluída, quando se iniciou a crise da borracha”.⁴³

Inutilizada, a ferrovia e os trens construídos viraram sucatas. A história que teve versões contadas em livros, virou minissérie da Rede Globo de Televisão, em 2005.

⁴² Íntegra da notícia no anexo 21.

⁴³ Íntegra da notícia no anexo 20.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho era provar que os sambas-enredo das Escolas de Samba possuem narrativa noticiosa a ponto de informar as pessoas que ouvem os sambas ou acompanham os desfiles.

Foram considerados fatores econômicos e burocráticos que traçam um paralelo entre as escolas de samba e os jornais. Ambas funcionam como empresas, principalmente no sentido organizacional e estratégico. Assim, sambas e notícias são produtos comerciais de suas empresas. Socialmente, a influência causada pelos objetos age de forma distinta, já que as notícias produzem um impacto diário, rotineiro. Os sambas são impactantes apenas na época do Carnaval.

No ponto crucial desta monografia, além de considerações históricas, sociais e econômicas, análises comparativas entre sambas e notícias foram utilizadas. Chegou-se a conclusão que, apesar dos diferentes objetivos e estilos de construção, ambos transmitem informações. As Escolas fazem isso de uma forma divertida, livre, musicada, enquanto as notícias são mais complexas, estruturadas e compromissadas com a verdade. Em todas as análises foi constatado que essas características diferentes não influenciam no principal ponto de semelhança dos objetos estudados: a informação.

As análises realizadas nesse trabalho demonstraram, ainda, a união de um mundo do entretenimento, das informalidades e de um universo factual, complexo e tecnicamente padronizado.

Além do caráter pioneiro nos estudos que associam o jornalismo ao carnaval carioca, o presente trabalho foi construído com o intuito de servir de subsídios para os estudiosos de comunicação e cultura de massa. Dessa forma, ele se constitui como um pontapé inicial para esses estudos, nos quais análises mais aprofundadas podem ser desenvolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: UnB, 1987.
- CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba: o quê, quem, como, quando e porquê*. Rio de Janeiro: Fontana, 1974.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: UFRJ MinC/Funarte, 1995.
- DINES, Alberto. *Papel do jornal*. 4 ed. São Paulo: Summus, 1986.
- GOLDWASSER, Maria Júlia. *O Palácio do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- JÓRIO, Amaury; ARAÚJO, Hiram. *Escolas de Samba em desfile: vida paixão e sorte*. Rio de Janeiro: Poligráfica, 1969.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: UnB, 1996.
- MEMÓRIAS do carnaval. Rio de Janeiro: Rio Tur, 1991.
- MENEZES, Rogério. *Um povo a mais de mil*. Rio de Janeiro: Página Aberta, 1994.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- EFEGÊ, Jota. *Figuras e coisas do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ACADÊMICOS DO GRANDE RIO. Disponível em: www.granderio.org.br. Acesso em: 28 abril 05.

ACADÊMICOS DO SALGUEIRO. Disponível em: www.salgueiro.com.br. Acesso em: 28 abril 2005.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. Disponível em: [http://www.terravista.pt/bilene/2458/dic-soc/soc_e.html](http://www.terraviva.pt/bilene/2458/dic-soc/soc_e.html). Acesso em: 08 abril 2004.

FIDALGO, Joaquim. O que é, ou não é, notícia? Disponível em: <http://www.publico.pt/nos/provedor/textos-fidalgo/prov19991010.html>. Acesso em: 01 abril 2004.

FOLHA DE S.PAULO. Disponível em: www.folha.com.br. Acesso em: 02 maio 05.

G.R.E.S. CAPRICHOSOS DE PILARES. Disponível em: www.rioarte.com/caprichosos. Acesso em: 29 abril 05.

G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO. Disponível em: <http://www.unidosdoviradouro.com.br>. Acesso em: 02 abril 2004

LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA. Disponível em: <http://liesa.globo.com>. Acesso em: 20 março 05

MODIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL. Disponível em: www.mocidadeindependente.com.br. Acesso em: 28 abril 05.

PREFEITURA DE VITÓRIA. Disponível em: <http://www.vitoria-es.gov.br/manual/norgerais.html>. Acesso em: 08 abril 2004.

ANEXO 1

Viradouro – 2004 - Pediu pra Pará, parou! Com a Viradouro, eu vou ao Círio de Nazaré

No mês de outubro, em Belém do Pará
São dias de alegria e muita fé
Começa com extensa romaria matinal
O Círio de Nazaré

Que maravilha a procissão, e como é linda
A santa em sua berlinda
E o romeiro a implorar
Pedindo à dona em oração para lhe ajudar

Oh, Virgem Santa, Olhai por nós
Olhai por nós, oh, Virgem Santa
Pois precisamos de paz

Em torno da Matriz
As barraquinhas com seus pregoeiros

Moças e senhores do lugar
Três vestidos para se apresentar
Tem o circo dos horrores
Berro-boi, roda-gigante
As crianças se divertem
Em seu mundo fascinante
E o vendeiro de iguarias a pronunciar
Comidas típicas do Estado do Pará

Tem pato no tucupi, muçã e tacacá
Maniçoba e tucumã, açai e aluá

ANEXO 2

Círio de Nazaré leva multidão de romeiros para as ruas de Belém
LUIZ FRANCISCO
DA AGÊNCIA FOLHA, EM SALVADOR

Ontem pela manhã, em Belém (PA), cerca de 2 milhões de romeiros do Brasil e de outros países participaram de uma das maiores romarias do catolicismo, o Círio de Nazaré. Entoando cânticos religiosos e fazendo orações, os fiéis percorreram quase cinco quilômetros da capital paraense, durante oito horas.

Desde a semana passada, os hotéis, motéis e pousadas da cidade estavam lotados. O círio, homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, é realizado todos os anos no segundo domingo de outubro, desde 1793 e tem importância equivalente à do Natal.

Até o final da tarde de ontem, a Polícia Militar havia registrado 22 incidentes sem gravidade.

A festa religiosa, tradicional na cidade, começou anteontem, com o traslado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelas ruas de Belém, Ananindeua e Marituba. Segundo o calendário religioso, o evento deve acabar às 8h do próximo dia 25, quando acontece o recírio -uma procissão que sai da Basílica de Nazaré em direção ao Colégio Gentil Bittencourt, onde a imagem ficará guardada até o ano que vem.

Na semana passada, o Círio de Nazaré foi reconhecido pelo governo federal como patrimônio imaterial cultural do Brasil. O arcebispo de Belém, D. Vicente Zico, disse que a medida aumenta a responsabilidade dos organizadores. "O Círio de Nazaré é uma festa que pertence a todos os católicos brasileiros e que, nos últimos anos, tem atraído muitos estrangeiros. Fazer uma festa melhor a cada ano é uma meta que deve ser sempre buscada".

ANEXO 3

Mocidade – 2003 - Para sempre no seu coração, carnaval da doação

Um gesto de amor faz alguém sorrir
Só o doador faz a vida prosseguir
Basta se conscientizar
A família querer aceitar
Pro sonho se realizar
Vem fazer o bem sem olhar a quem
Com a Mocidade doar o coração
Nos braços da mitologia
Unindo o mundo na mesma missão
Sob a luz da estrela guia

Doar sem medo de errar
Ver um brilho no olhar
Amar é dar e receber
É tão bom viver

Cosme e Damião
Pioneiros nessa arte divinal
Dando asas à ciência
O homem busca novos ideais
Os olhos ganham luz, vêem cores
Cura os males e as dores
Renovando os conceitos sociais
Esse artista iluminado
Doou toda sua criação
Sua imagem é chama viva
Para sempre no seu coração

Alô você!
Abrace essa corrente pela vida!
Sou doador, sou Mocidade
Dou um alerta para o bem da humanidade

ANEXO 4

Campanha vai estimular doação de órgãos
FABIANE LEITE
DA REPORTAGEM LOCAL

"Minha família já sabe, sou doador." "A melhor herança que você pode deixar." "Seja feita sua vontade, seja um doador." Com slogans como esses, o Ministério da Saúde pretende reduzir em pelo menos 3% ao ano, até 2007, a fila de órgãos sólidos e zerar a de transplante de córnea. A pasta lança na próxima semana uma nova campanha para que doadores convençam suas famílias. Hoje, mesmo que uma pessoa deixe registrado em cartório sua opção pela doação, a família pode vetar o transplante. Atualmente 56.717 pessoas aguardam um órgão _29.381 estão na fila do rim_ ou a doação de córnea _21.975 pacientes. O número de transplantes cresceu nos últimos anos (162,2%, de 1997 até abril deste ano) e o total de procedimentos feitos nos quatro primeiros meses deste ano é quase o mesmo do realizado em todo o ano passado. Mas o ministério avalia que o desempenho poderia ser melhor. De 2002 até hoje, a fila cresceu quase 10%. As córneas, por exemplo, são tecidos que podem ser guardados por vários dias, o que facilita o transplante. Como há melhor oferta, a fila não se justifica. A maior parte dos transplantes de rim (54%) é feita a partir de doadores vivos, e não de cadáveres, dado contrastante com o de outros países. "Ainda existem questões culturais, falta de informação", disse ontem o ministro da Saúde, Humberto Costa. A última ação pública para estimular a doação de órgãos foi realizada há cinco anos, após a promulgação da lei 9.434, de 1997, que instituiu a doação presumida _quem não quisesse ter os órgãos retirados para transplantes, deveria colocar um aviso em documentos. "Surtiu, naquele momento, um efeito negativo", afirma Diogo Mendes, coordenador do Sistema Nacional de Transplantes. Não houve uma campanha educação adequada, diz. Em 2001, o Congresso derrubou o dispositivo, e voltou a ser necessário o consentimento da família. O ministro defendeu ontem uma legislação "intermediária". "A pessoa deveria declarar em vida e ser respeitada, ainda que a família não quisesse." A pasta realizará um levantamento para saber a opinião da população. A realização das campanhas permanentes foi reivindicada durante encontros, neste ano, para discutir o sistema. A nova campanha, orçada em R\$ 6,5 milhões, estará na TV, no rádio e em revistas entre o dia 19 deste mês e 3 de dezembro, mas o ministério promete manter ações continuadas. Para José Medina Pestana, presidente da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos, é "impossível" reduzir a fila. A associação apóia a campanha, mas diz que quanto mais se investe na assistência, o que tem acontecido no Brasil, os resultados são menos doações _pois menos pessoas morrem. "As filas acabarão quando conseguirmos fazer xenotransplantes [transplantes de órgãos de animais] ou clonagem." Segundo Pestana, é preciso melhorar a notificação de possíveis doadores. De cada dez possibilidades, apenas uma chega à central de transplantes, diz. O ministério informou estar investindo na formação de profissionais.

ANEXO 5

Mocidade - 2004 - Não Corra, não Mate, não Morra. Pegue carona com a Mocidade! Educação no trânsito

Brilhou um novo dia
Pegue carona com a Mocidade
O curso da alegria
A despertar toda cidade
É manhã de carnaval
Dou um alerta geral
Vamos colocar o cinto, respeitar a vida
Um descuido é fatal
A máquina evoluiu
O mundo inteiro aplaudiu
Atraindo aventureiros
Traiu em cena o orgulho brasileiro

Amor, paixão,
velocidade é ilusão
Dirijo meu carro
Se tomo um pileque
Dou a vez na direção

Basta de tanto acidente
Não seja imprudente
Subir ao pódio assim não dá, meu Brasil
Seja mais consciente
A vida é um presente
Chegou a hora de mudar
Sai desse pega, moleque
Pisa no breque
Tem alguém a te esperar
Veja a harmonia do sol e da lua
Um exemplo a se espelhar

Pare, pense
Olhe a sinalização
Proteja quem te ama
Siga em paz na direção

ANEXO 6

Região Norte lidera mortes no trânsito
ALENCAR IZIDORO
AMARÍLIS LAGE
DA REPORTAGEM LOCAL

Quatro capitais brasileiras da região Norte lideram os índices de mortalidade no trânsito do país e chegam a superar as médias do continente africano, segundo relatório do Ministério da Saúde concluído em março deste ano, com base em dados de 2002.

Boa Vista (RR), Palmas (TO), Porto Velho (RO) e Macapá (AP) têm, entre todas as capitais, as maiores taxas anuais de mortos em acidentes de transporte terrestre por 100 mil habitantes.

Os índices deles, de 48, 35,4, 33,6 e 32 mortos por 100 mil habitantes, respectivamente, ultrapassam a média de 28,3 dos países da África, campeã mundial em mortalidade do trânsito, conforme estudo da Organização Mundial da Saúde divulgado em 7 de abril. A entidade elegeu a segurança viária _que mata 1,2 milhão anualmente no mundo_ como tema de sua campanha de 2004.

Além das quatro líderes localizadas na região Norte do país, Cuiabá (MT), Goiânia (GO) e Campo Grande (MS), do Centro-Oeste, também tiveram marcas superiores à média africana.

Os registros do Ministério da Saúde, baseados em atestados de óbito, apontaram mais de 32 mil mortes em acidentes de trânsito em 2002, montante que dá ao Brasil uma taxa de 18,7 vítimas por 100 mil habitantes. Trata-se de um índice superior ao de países desenvolvidos da Europa (média 11, sendo 6,7 na Suécia) e que tende a ser pior, já que especialistas avaliam haver subnotificação.

Ou seja, os dados tabulados no ranking brasileiro são os mínimos e não indicam, necessariamente, que todas as capitais com baixos índices têm situação confortável de segurança viária _já que algumas podem ter maiores proporções de registros subnotificados.

Em São Paulo, a média de 9,5 mortos por 100 mil habitantes põe a capital paulista numa situação que se aproxima da de países europeus. A cidade conseguiu reduzir a mortalidade em mais de 30% após a implantação do Código de Trânsito Brasileiro, em 1998.

Estatísticas do Pro-Aim (Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade no Município de São Paulo), entretanto, apontam uma elevação de 6% em 2003 em relação a 2000.

Os motivos das altas taxas de mortes no trânsito em capitais da região Norte são variados. Eles começam na falta de infra-estrutura _ruas inseguras, sem calçadas para pedestres_ e se estendem às condições precárias de controle dos governos.

O secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, Jarbas Barbosa, diz que esses municípios tiveram uma urbanização acelerada, ampliando a utilização de veículos motorizados, enquanto as ações do Estado para controlar essa circulação _com multas e cassação de carteiras de habilitação, por exemplo_ não acompanharam esse ritmo.

Cristina Baddini, da direção da ANTP (Associação Nacional de Transportes Públicos, que lidera uma campanha pela paz no trânsito) e que já foi responsável pela secretaria de trânsito de Belém (1997-2000), cita um círculo vicioso: muitos lugares não têm nem infra-estrutura viária; sem infra-estrutura, não há sinalização; sem sinalização, não há fiscalização nem punição dos condutores.

Ela diz que a embriaguez _estimulada pelo clima quente e pelas poucas alternativas de diversão_ e as altas velocidades _em Macapá, estimuladas pela presença de vias largas_ são os principais problemas da região. As prefeituras, afirma Baddini, além de não saberem identificar os focos da mortalidade no trânsito, não têm recursos para inverter a situação.

Os especialistas também apontam que as capitais mais distantes da região Sul/Sudeste foram as que mais demoraram para receber a fiscalização eletrônica de controle da velocidade _considerada um dos principais instrumentos para diminuir acidentes.

Silvio Médici, da Abramcet (associação das operadoras de radar), diz que há maior resistência política e dificuldade econômica _já que os municípios menores são menos lucrativos e dependem de investimentos públicos para terem essas tecnologias.

ANEXO 7

Álcool é combustível de tragédia pessoal
ISABELLE SOMMA
FREE-LANCE PARA A FOLHA

Rogério Francisco Oliveira, 21, bebeu muito em uma festa, quando ainda tinha 19 anos, e fez o certo: entregou o carro para alguém dirigir. O problema é que seu amigo também estava bêbado.

"Ele se assustou e puxou o freio de mão. O carro rodou, bateu num barranco e capotou. Eu caí de cabeça. Lesionei vértebras das regiões lombar e cervical. Com meu amigo, não aconteceu nada."

Ele conta que, há dois anos, luta para "ficar bom um dia". "Hoje estou andando como um Robocop. Os amigos mudaram. Sinto o preconceito de ser aleijado."

William Reis Lazzari, 18, foi, há dois anos, a duas festas na mesma noite. Também não dirigiu, mas, enquanto dormia, seu amigo entrou num racha. "O carro capotou. Fiquei 24 dias na UTI e levei 80 pontos na cabeça. Fiz 13 cirurgias em dois anos."

"Pesquisas americanas, canadenses, australianas e inglesas apontam o álcool como a principal causa de acidentes de trânsito", diz Letícia Marin-León, do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Segundo a pesquisadora, os jovens que se envolvem em acidentes não respeitam a lei, dirigem pelo acostamento e em alta velocidade, além de fazerem ultrapassagens proibidas e rachas.

"O trânsito exige decisões rápidas e constantes, e o álcool e as drogas diminuem a habilidade psicomotora, interferem na capacidade de percepção, no julgamento e na tomada de decisão."

Beijo e diagnóstico

A pediatra Regina Kaiser Pirito, especialista em medicina do trânsito, diz que a principal causa de acidentes no final de semana é o álcool. "Uma lata de cerveja já é suficiente para comprometer o desempenho, dependendo da massa corporal", exemplifica.

Por isso não é à toa que 65,8% dos acidentados pesquisados pela rede de hospitais Sarah em 1999 deslocavam-se a lazer, e 54% dos acidentes ocorreram num fim de semana. Para os pais, a pediatra dá a dica. "Quando seu filho chegar da rua, abraça, beije. Assim dá para saber se ele bebeu."

ANEXO 8

Caprichosos de Pilares - 1995 - Da Terra Brotei, Negro Sou e Ouro Virei

Sonhar, sonhei
Da terra brotei
E ouro virei
Sonhar, sonhei
Da idade da pedra
Eu sou negro rei
No reinado do petróleo
A arca pode navegar
Se Noé buscou na terra
Eu pego no fundo do mar

Mareja, vem mareja
Jorra nas ondas do mar
Mareja, vem mareja
De ouro negro vou me lambuzar

Os Incas no novo mundo
Pavimentavam o chão
Na Babilônia o árabe usava em construção
E até hoje ainda é o seu quinhão
Brasil, jóia que a mãe natureza
Não negaria essa riqueza
E esse Lobato é genial
Hoje o sonho é realidade
Presente em nosso carnaval
Vem, meu amor
Vem, vem voar
Me amando nessa nave ao luar

Vou me acabar nessa magia
E a Caprichosos traz a energia

ANEXO 9

Óleo tem o maior valor em 5 semanas
DA REDAÇÃO

Pela primeira vez em cinco semanas, o preço do barril de petróleo fechou cotado a mais de US\$ 30 em Nova York. A alta nos preços da gasolina no Oriente Médio e no golfo Pérsico e o temor causado pela aproximação de uma tempestade no golfo do México, que forçou o fechamento dos terminais de exportação do país, foram apontados como as principais causas para o aumento.

A decisão da Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) de reduzir sua cota de produção diária da commodity também ajudou a pressionar a cotação. Além de cortar a própria produção, a Opep tenta convencer países que não são membros do cartel, como Rússia, Noruega e México, a fazer o mesmo, para manter os preços do produto em níveis elevados.

No dia 24 do mês passado, a Opep havia anunciado que irá reduzir a produção de óleo em 900 mil barris por dia a partir do dia 1º de novembro, para 24,5 milhões de barris diários. De lá para cá, o preço do produto subiu 12%. Isso mostra que o cartel vem conseguindo atingir seu objetivo: manter a cotação acima dos US\$ 25.

Somente nesta semana, a alta do petróleo em Nova York foi de 7,95%. Ontem, o barril tipo leve fechou cotado a US\$ 30,40 na Bolsa Mercantil de Nova York, um avanço de 1,88% em relação ao fechamento anterior. Em Londres, o barril do tipo Brent teve alta de 1,56%, vendido a US\$ 28,71. Rumores de que a Arábia Saudita, um dos maiores fornecedores de petróleo do mundo, diminuiu significativamente sua produção para abrir espaço para o Iraque causaram o temor de que os estoques da commodity tenham uma queda forte no último trimestre deste ano.

A forte alta da gasolina ontem e a tempestade que se aproxima do México deram mais força à tendência de alta nos preços. A cotação da gasolina na Bolsa Mercantil de Nova York subiu ontem 3,7%. O galão com entrega para novembro fechou o dia cotado a US\$ 0,8511, depois de atingir uma máxima durante o dia de US\$ 0,8525.

A tempestade tropical que se aproxima do golfo do México, batizada de Larry, espalhou o medo de que haja atrasos na entrega de petróleo. Companhias do setor, no entanto, dizem que sua produção não foi afetada pela tempestade, que só deve atingir a costa mexicana na próxima semana.

ANEXO 10

Empresa quer dobrar presença no exterior
CLÁUDIA TREVISAN
DA REPORTAGEM LOCAL

A Petrobras pretende dobrar até 2007 o peso das atividades internacionais na receita obtida por todos os seus negócios. Presente em seis países, a estatal deve investir no período US\$ 5,1 bilhões para expandir suas operações fora do Brasil, com prioridade para a Argentina e a Nigéria. A empresa prepara também sua volta ao Oriente Médio.

A internacionalização foi planejada inicialmente para compensar a perda de mercado interno que a empresa esperava ter com a quebra do monopólio do petróleo. Apesar de essa previsão não ter se confirmado, a estratégia foi mantida e acabou se transformando em uma importante arma para a expansão da Petrobras, tanto dentro quanto fora do Brasil.

A direção da companhia acredita que a aquisição de ativos em outros países e o aumento do fluxo de caixa em moeda forte irá reduzir o custo de captação de dinheiro pela empresa, aproximando-o do de seus concorrentes externos.

"A internacionalização dá mais estabilidade à companhia, na medida em que ela depende menos de um só mercado. Com isso, diminui seu risco e as taxas que ela tem de pagar para se financiar", afirma Cláudio Castejon, gerente-executivo de Planejamento e Serviços Internacionais da Petrobras.

Segundo Castejon, os investimentos de 2003 a 2007 devem se concentrar em três áreas estratégicas: América do Sul, costa oeste da África e golfo do México.

A Argentina é o país de maior peso na atuação da Petrobras depois do Brasil. Em 2002, a companhia investiu US\$ 1 bilhão na compra da Perez Companc, rebatizada de Petrobras Energía. Com a aquisição, passou a ter presença em mercados como Equador e Peru, onde a argentina já atuava.

A Petrobras Energía vai abocanhar US\$ 2,3 bilhões dos US\$ 5,1 bilhões que serão investidos no exterior. Pouco mais de US\$ 1 bilhão ficará na Argentina e o restante será destinado aos demais países onde a empresa atua.

A Petrobras produz na Argentina 123,8 mil barris equivalentes de petróleo e gás por dia, quase metade do total de 250,4 mil barris equivalentes/dia que produz fora do Brasil. Barril equivalente é uma medida que permite equiparar a produção de petróleo e gás.

Os 250,4 mil barris representam 14% da produção global da Petrobras, de 2,1 milhões de barris equivalentes/dia. Até 2007, a empresa espera elevar sua produção no exterior para 500 mil barris equivalentes/dia. No mesmo período, o peso das operações internacionais no fluxo de receitas da companhia deverá passar dos atuais 9% para 18% do total.

A Nigéria ficará com o segundo maior volume de investimentos, de US\$ 1,4 bilhão. A empresa já descobriu petróleo em 2 dos 4 blocos que explora no país e deve começar a produção em 2007.

Na América do Sul, tem forte atuação na Bolívia, onde é a maior empresa local. Como a presença no país já está consolidada, o volume de investimentos é menor: US\$ 175 milhões. Na região, a Venezuela é que receberá mais recursos depois da Argentina, por meio de investimentos de US\$ 800 milhões da Petrobras Energía. O país tem a segunda maior produção da estatal fora do Brasil, com 44 mil barris equivalentes/ dia de óleo e gás.

O quarto lugar é ocupado pelos Estados Unidos, com US\$ 450 milhões, que serão destinados à exploração no golfo do México. A Colômbia é outro país latino que receberá investimentos da Petrobras, com US\$ 165 milhões.

A Petrobras ainda tem interesse de entrar nos mercados mexicano e chileno. No primeiro caso, está participando de uma licitação para exploração de campos de gás na fronteira mexicana com os EUA. No Chile, foram realizados contatos com algumas empresas, mas não há nada definido.

A Petrobras também tem planos de voltar a atuar no Oriente Médio, de onde saiu nos anos 80. O primeiro passo é a participação na licitação de um bloco no Irã. O resultado deve sair no fim do ano.

"Qualquer grande companhia tem de olhar para o Oriente Médio, que concentra 70% das reservas mundiais", diz Castejon.

ANEXO 11

Salgueiro - 2004 - A Cana que aqui se planta, tudo dá, Até Energia... Alcool, o Combustível do Futuro

Salgueiro produz alegria
"Caminha" descrevendo nossa terra
Veio da Índia inspiração para o cultivo
Que dava fim à liberdade do nativo
Terra de fartura coberta de cana
Canaã, por natureza
Negro, do açúcar mascavo
Branco toque refinado
Da cobiça holandesa

Academia, é doce seu cantar
Verde Eldorado, o encanto "deste lado"
Solo fértil pro meu samba germinar

Pelo tempo, adoçou a economia
Com a evolução, ganhou outro "sabor"
O álcool, o progresso movia
Coisa que caminha nem imaginou
E mesmo sem destronar o ouro negro
Já desvendaram seus segredos
O nosso jeito de abastecer
Sonho vê-lo enfim, em seu reinado
Meio ambiente preservado
Conquistando o "espaço", infinito alvorecer

A cana que aqui se planta, tudo dá
Dá samba até o dia clarear
O combustível do futuro é brasileiro
É energia que hoje embala meu Salgueiro

ANEXO 12

Setor de cana colhe safra recorde neste ano
MAURO ZAFALON
DA REDAÇÃO

O setor sucroalcooleiro termina o ano com o humor bem melhor do que no ano passado. A safra está praticamente no fim e os números já mostram uma série de recordes.

Esse clima é bem diferente do ocorrido no final de 2002, quando havia uma grande preocupação sobre os estoques de álcool para o período de entressafra, o que obrigou as usinas a antecipar o início da safra deste ano.

Se o setor mostra alguns bons números, outros não ocorreram exatamente como se esperava, principalmente no que se refere a algumas políticas internas e externas.

No setor externo, Eduardo Pereira de Carvalho, presidente da Unica (União da Agroindústria Canavieira de São Paulo), diz que "não sinto, por parte do Itamaraty, agressividade e vontade de lutar pelo açúcar e pelo álcool".

Carvalho se refere à acomodação do órgão diante das barreiras protecionistas externas que, antes limitadas ao açúcar, agora começam a aumentar também no setor do álcool.

No mercado interno, a Unica deverá levantar a bandeira contra as vantagens fiscais do gás veicular. Apesar de gerar tantos empregos, o setor de cana-de-açúcar não tem os incentivos que o gás para veículos leves tem. "É um absurdo", diz ele.

Melhor que o previsto

As usinas temiam que a antecipação da safra deste ano poderia reduzir a produtividade na região centro-sul. Por isso, as primeiras estimativas indicavam moagem de 282,3 milhões de toneladas de cana. Os dados finais da Unica estão mostrando 298 milhões de toneladas, com evolução de 15,7 milhões de toneladas. Em reação à safra do ano passado, o aumento é de 10,2%.

Carvalho diz que "a própria antecipação da safra, o clima favorável e as novas variedades de cana acabaram sendo fatores decisivos para o aumento da produtividade".

A safra 2003/4 apresenta o melhor resultado da história, com a obtenção de 149,62 quilos de ATR (potencial de transformação de cana em açúcar ou em álcool) por tonelada de cana (146,41 quilos na safra anterior).

Os dados nacionais indicam que a moagem de cana atingirá 350,3 milhões de toneladas, de onde serão extraídos 24,2 milhões de toneladas de açúcar e 14,4 bilhões de litros de álcool.

Os dados são recordes, à exceção da produção de álcool, que só fica abaixo dos 15,4 bilhões de litros da safra 1997/98.

Pelo menos 58% da produção nacional de açúcar deverá ir para o mercado externo, na avaliação da Unica. Serão 14,1 milhões de toneladas. Carvalho diz que esse volume é o limite que o mercado internacional "protegido" absorve de açúcar brasileiro.

Fê no álcool

Os usineiros colocam bastante fê na evolução do consumo de álcool, principalmente com a chegada do carro com a opção de combustível a gasolina e/ou álcool, o chamado "flexfuel".

Pelos cálculos da Unica, esse dado de consumo não deverá aparecer nos dois primeiros anos porque a chegada desses novos veículos está apenas compensando a saída do mercado de parte dos antigos carros a álcool.

Em três ou quatro anos, no entanto, o consumo de álcool por esses veículos será grande. Só duas das principais montadoras (VW e GM) deverão produzir 270 mil unidades por ano, diz Carvalho.

O presidente da Unica diz que os 34 mil veículos com possibilidade de multicomcombustível comercializados neste ano estão praticamente usando apenas álcool como combustível devido ao preço atraente.

Essa paridade a favor do álcool vai continuar, diz Carvalho. "Nossos preços só deixam de ser competitivos em relação aos da gasolina quando o barril de petróleo fica abaixo de US\$ 20." Ontem, o barril de óleo era negociado a US\$ 32,30 em Nova York

ANEXO 13

Um ato de coragem

A nova alíquota, de 12%, sobre o álcool hidratado torna não-compensador o risco da fraude

EDUARDO PEREIRA DE CARVALHO

O mercado de combustíveis líquidos no Brasil é permanentemente citado como uma das vergonhas nacionais. Adulteração do produto, lavagem de dinheiro e sonegação fiscal aparecem sempre nas notícias de jornal e TV a respeito do assunto.

Existe muita marola e pouca ação para resolver o problema. Existia: o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, num ato corajoso e sem precedentes no Brasil, está sancionando neste início de dezembro lei de sua autoria que reduz de 25% para 12% o ICMS incidente sobre o álcool hidratado no Estado. Trata-se de um golpe de morte na sonegação, que deverá aumentar a arrecadação do Estado e legitimar o atual nível de preços de álcool combustível praticado nos postos paulistas.

Essa medida é uma reivindicação antiga da Unica, que representa mais de 90% do setor produtivo de açúcar e de álcool do Estado, e do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes. Desde a criação da CPI dos Combustíveis na Assembléia Legislativa, em dezembro de 2000, o setor produtivo paulista de açúcar e álcool tem procurado colocar o dedo nessa ferida aberta que sangra o quadro institucional brasileiro. No caso específico do álcool, o que incomoda as empresas sérias de produção, distribuição e revenda de combustíveis é a constatação de que o preço adotado na bomba muitas vezes não reflete as remunerações dos agentes econômicos que compõem a cadeia produtiva.

Explico: na última semana de novembro, por exemplo, o álcool hidratado foi vendido pelos produtores de São Paulo a R\$ 0,56 o litro (exclusive impostos), enquanto os preços médios registrados na bomba no município de São Paulo (de acordo com a ANP) estiveram em torno de R\$ 1 o litro. Se os agentes operassem dentro da normalidade, com o nível de preços ao produtor e carga tributária atuais, o preço médio para o consumidor deveria estar na casa de R\$ 1,20 por litro.

A não ser que se acredite que distribuidores e revendedores de combustíveis trabalhem com margem negativa, a única explicação para o preço médio de R\$ 1 por litro é a existência de uma grande margem de sonegação nesse mercado. Sonegação que deixa outro indício importante na diferença entre os números de comercialização de álcool hidratado informados pelas usinas ao Ministério da Agricultura e o volume informado pelas distribuidoras à ANP.

O leitor há de perguntar: se o caso é de sonegação, não basta uma fiscalização mais eficiente?

Infelizmente não. O fato é que a alta carga fiscal e a atual estrutura tributária com alíquotas diferenciadas permitem uma enorme dose de criatividade por parte dos fraudadores, e a autoridade pública tem tido dificuldade para resolver a questão. No caso do álcool hidratado em São Paulo, é aplicada uma alíquota de 25% de ICMS, mas existem alíquotas menores para vendas interestaduais (12% para os Estados limítrofes e 7% para os do Norte).

As usinas e destilarias paulistas registram nos seus livros fiscais todas as operações feitas com 25%, 12% e 7% de ICMS. No entanto a realidade é que ninguém tem a garantia de que álcool com alíquotas menores, destinado a outros Estados, não seja distribuído dentro de São Paulo. Ou melhor, a diferença entre o informado pelas usinas e o indicado pelas distribuidoras à ANP, associada a preços praticados em alguns postos, evidencia que, na prática, grande parte do álcool vendido em São Paulo não recolhe os 25% de ICMS e outros impostos incidentes, como o PIS e a Cofins.

É isso que nos dá a certeza de que, ao reduzir a alíquota, o governo paulista está no caminho certo para alijar a concorrência desleal e dar legitimidade aos preços cobrados, o que significa dizer que eles não estarão mais maquiados pela sonegação ou fraude fiscal, que é dinheiro roubado da educação, da segurança pública e da saúde da população.

A nova alíquota, de 12%, sobre o álcool hidratado torna não-compensador o risco da fraude e é de esperar que a base da arrecadação aumente. Em resumo, teremos um imposto menor, mas com muito mais gente contribuindo. E o consumidor terá a certeza de que o preço mais baixo que ele pagar será resultado efetivo da concorrência, e não de sonegação. Para nós, produtores de álcool, essa medida transcende a esfera tributária e fiscal. Ela atinge a essência do nosso negócio, na medida em que cria um ambiente institucional que induz à estabilidade.

Neste momento, em que o Brasil vem retomando a produção de álcool e está criando um mercado novo, representado pelos veículos multicomcombustíveis (rodam com álcool e gasolina), é imprescindível a credibilidade junto ao consumidor, para que não retornemos às ciclotimias de tempos recentes, nos quais a produção e o uso do álcool oscilavam freneticamente entre a angústia e a depressão.

É em nome dessa credibilidade que consideramos a medida do governador de São Paulo extremamente significativa. Ela beneficia milhões de proprietários de carros a álcool, milhares de atuais e futuros proprietários dos veículos de combustível flexível e dá condições de sustentabilidade a um setor econômico fundamental para o Brasil.

É uma atividade econômica que representa 1,2% do PIB nacional, é responsável por um faturamento anual de US\$ 8,7 bilhões, gera 1 milhão de empregos diretos, 400 mil só em São Paulo, e movimenta a economia de uma infinidade de municípios brasileiros, contribuindo para a fixação do homem no campo. Isso sem falar no diferencial ambiental positivo representado por esse combustível limpo e renovável, oriundo da cana-de-açúcar, que nos confere liderança no plano internacional quando o assunto é sequestro de carbono e combate ao efeito estufa.

Não bastasse isso, o governador de São Paulo dá uma grande contribuição no campo ético, ao fechar as portas do Estado para a máfia dos combustíveis, tão bem caracterizada pelo relatório final da CPI dos Combustíveis da Assembleia Legislativa do Estado, que embasou o projeto do Executivo, agora lei.

ANEXO 14

Grande Rio - 2001 - Gentileza "X" - O profeta do fogo

Novo milênio
Avança o homem para o espaço sideral
Em busca de mensagem positiva
Valorização da vida, o amor universal
Na arena, alegria e dor
Triste legado que Roma Pagã deixou
Pelas vozes foi guiado
O arauto iluminado
A mudar o seu destino
Renuncia a ambição
Ao seguir a intuição José Dadrino

Deixa clarear... (deixa clarear)
Idade Média nunca mais...
Gentileza anuncia
No raiar de um novo dia
Um clamor de amor e paz

Das flores a beleza
Para o mundo recriar
O vinho é a vida
É preciso festejar
Considerado louco
E poeta foi bem mais...
Deixando nas pilastras
As palavras imortais
Com a sabedoria universal
Pregava contra o mundo desigual
Gentileza gera perfeição
Violência não

Era de "Aquarius"... Tempo de amor
A Grande Rio... iluminou
Profeta faz nascer
Do fogo alvorecer
Irmão Sol, a verdade é você

ANEXO 15

Joãosinho Trinta prepara surpresa DA SUCURSAL DO RIO

Joãosinho Trinta, que estréia como carnavalesco da Acadêmicos do Grande Rio, promete mostrar na avenida uma surpresa, "algo jamais visto no Carnaval".

Ele, que já foi o criador de enredos da Salgueiro (12 anos), da Beija-Flor (7 anos) e da Viradouro (7 anos), diz que decidiu entrar para a escola por gostar de "desafios".

"Estamos em 2001, uma época de mudanças, e foi isso que fiz."

Para marcar sua estréia, ele escolheu como tema para o desfile a vida do Profeta Gentileza.

É a história do empresário José Datrino, que, após a morte de 500 pessoas em um incêndio no circo de Niterói, no início dos anos 60, abandonou família e emprego, vestiu sandálias e uma túnica e saiu pregando a gentileza como a salvação do mundo. Nos últimos anos de sua vida, escreveu suas pregações nas pilastras do viaduto do Caju, zona norte do Rio.

"Hoje em dia só vemos violência e calamidades. Precisamos de um novo caminho, o da espiritualidade, pregado pelo Gentileza."

Ele se recusa a dar dicas sobre a surpresa. "Só posso dizer que ninguém jamais verá novamente o que vamos mostrar."

ANEXO 16

Incêndio mudou vida do artista DA SUCURSAL DO RIO

A vida de Gentileza mudou quando o circo Americano pegou fogo em Niterói, em 1961, matando mais de 500 pessoas, a maioria delas crianças. Até então, ele vivia com a mulher e cinco filhos na Pavuna (zona norte do Rio) e tinha uma pequena empresa de transporte de carga, com dois caminhões. Seis dias depois do incêndio, antevéspera do Natal, ele acordou ouvindo "vozes astrais" que o mandavam abandonar o mundo material e se dedicar apenas ao espiritual. Ele pegou um de seus caminhões e foi para o local do incêndio. Plantou jardim e horta sobre as cinzas e viveu ali quatro anos.

Maria Alice Dantrino, 55, sua filha mais velha, tinha 17 anos quando ele decidiu abandonar a casa. "A primeira coisa que fez foi soltar os passarinhos das gaiolas. Depois, saiu dizendo que tinha uma missão a cumprir", conta ela.

ANEXO 17

Salgueiro - 1998 - Parintins, A Ilha do Boi-Bumbá: Garantido X Caprichoso, Caprichoso X Garantido

Alô, você, alô do boi-bumbá
 Vem salgueirar, vem salgueirar, vem salgueirar
 Vem garantir, iô-iô
 Vem caprichar, iá-ia
 A lenda viva do folclore está no ar
 São dois pra lá (ê Boi)
 São dois pra cá...
 Dança nativa dos Parintintins
 Que maravilha
 Explosão na ilha
 Dos tupinambás
 Mostrando para o mundo inteiro
 Pois o meu Salgueiro
 É folclore popular

Bate tambor, cunhã-poranga
 É puro fogo no ar
 Gira meu boi, meu boi-bumbá
 Um lado azul, outro vermelho,
 As cores do festival
 É garantido, é caprichoso, o carnaval

Um duelo na floresta
 Veio de longe o meu boi-bumbá
 Entre rituais nativos
 Magias e lendas
 Ao som do tamurá
 Este é o Brasil cultural
 Raça mestiça e amor
 Mostrando o seu visual
 No carnaval
 Nossa cultura é assim
 O nosso povo é de fé
 Vem pro Salgueiro
 Se banhar de axé

Eu sou um índio e só sei amar
 Uso arco e flecha, na cabeça um cocar
 Banho de cheiro de patchuli

ANEXO 18

Festa na floresta

Em junho, a pequena Parintins (AM) vira sede da maior festa popular do norte do país

POR MIRNA FEITOZA

Uma festa que acontece todos os anos no final de junho no interior do Amazonas é capaz de mudar a rotina do Estado. Não é feriado, mas as escolas e repartições públicas ficam esvaziadas, o comércio em baixa e as indústrias do parque fabril da Zona Franca de Manaus registram faltas significativas. O motivo é a realização do Festival Folclórico de Parintins, onde reinam *absolutos* os "bois" Caprichoso e Garantido. A festa acontece sempre nos dias 28, 29 e 30 de junho e leva à cidade *que tem pouco mais de 60 mil habitantes* cerca de 40 mil visitantes, principalmente vindos de Manaus e da região Norte, além de turistas do exterior e de outras localidades do país.

Durante três noites, Caprichoso e Garantido se apresentam no Bumbódromo *arena construída em 88*, especialmente para abrigar a festa, com capacidade para 35 mil espectadores. Para a arena, cada um dos bois arrebanha consigo cerca de 2.500 componentes em um desfile que lembra, para o leigo, o carnaval.

O espetáculo representa mitos e lendas amazônicas, misturados a elementos do tradicional bumba-meu-boi do Maranhão, da cultura indígena e da vida do caboclo do Amazonas.

As músicas, chamadas de toadas, surgem de sons extraídos de instrumentos indígenas e andinos. As coreografias são marcadamente inspiradas em passos de danças indígenas.

A história

Apesar de toda essa miscelânea cultural, a base do enredo mostrado na festa é igual às demais brincadeiras de boi do folclore brasileiro.

Mãe Catirina está grávida e tem um desejo: comer língua de boi. Para satisfazer o desejo de sua esposa *e com medo de seu filho não nascer saudável*, Pai Francisco mata o boi de seu amo. Ao descobrir a morte do boi e com a ajuda de índios, o amo resolve prender Pai Francisco. Depois de sofrer muito, ele é salvo pelo padre e pelo pajé. Além de salvar Pai Francisco, o padre e o pajé conseguem a façanha de ressuscitar o boi.

Com esse enredo, desde o início do século a tradição do boi de Parintins emociona e divide a cidade em dois lados *do lado azul e branco*, os simpatizantes do boi Caprichoso. Do lado vermelho e branco, os do Garantido. Quem vai ao festival, não volta sem escolha.

A cidade

Parintins está localizada à margem direita do rio Amazonas, a 420 quilômetros a leste de Manaus (por via fluvial).

A vegetação é formada por floresta de várzea e terra firme. Aos arredores, lagos, ilhotas e uma pequena serra. A temperatura média é 35°C.

Como não possui infra-estrutura hoteleira suficiente, a maioria dos visitantes fica hospedada em barcos. O padrão varia de acordo com o que o bolso pode pagar *de barcos regionais a iates de luxo*.

Alguns moradores alugam suas casas.

Para suprir a falta de hospedagem, o governo estadual abriu uma linha de crédito para financiar a construção de mais 200 cômodos nas casas dos moradores.

Os moradores interessados devem ter casa própria e recebem R\$ 10 mil para construir e mobiliar dois cômodos em suas casas. A liberação do financiamento depende de critérios de infra-estrutura das casas.

ACESSO Partindo de Manaus, é possível chegar a Parintins de barco (18h de ida, descendo o rio, e 36h de volta, subindo o rio) ou avião (uma hora).

ANEXO 19

Grande Rio - 1997 - Madeira-Mamoré, a Volta dos que não Foram lá no Guaporé

Sonha a Grande Rio, é um sonho
Em águas claras, eu quero sonhar
Enfeitar a vida de alegria
Pra quem um dia, o sol não quis despertar
Chegaram cheios de esperança
Não sabiam dos mistérios que teriam que enfrentar
Essa mata tem segredos,
Que o homem não consegue desvendar
É um mundo de encanto e magia, perfume e fantasia
Cicatriz que a Amazônia fez chorar

Olha o índio no caminho, é caçador
Meu cavalo é de fogo, eu vou que vou
Se a selva é perigosa, meu amor
Rondônia é alegria, esqueça a dor

Era o eldorado do látex no Brasil
A riqueza que a cobiça alimentou
Nessa história Tio Sam também entrou
No Tratado de Petrópolis tudo começou
O Acre da Bolívia ganhei
E a borracha para o mundo exportei
Cada dormente é uma vida, a vida uma flor
Na Maria Louca delirando eu vou
Em sucata o meu sonho terminou
Vou voltar pra onde não fui
O seu encanto é que me seduz (ai, iê, iê, ô)

Cacagibe, Orum de Oiá, Oiá, Oiá
O Guaporé está em festa
Os vudus vêm pra brincar

ANEXO 20

Todas as Marias
PAULO ROBERTO CIMÓ QUEIROZ
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A construção de ferrovias brasileiras, como a Madeira-Mamoré e a Noroeste, estimulou o surgimento de novas cidades e matou mais de 6.000 trabalhadores em consequência de doenças como a malária. A Mad Maria virou uma "ferrovia fantasma" no ano em que foi concluída, quando se iniciou a crise da borracha.

A chegada das locomotivas seria como o toque de fada pelo qual vastas áreas "atrasadas" ou incultas seriam transmutadas em modernos centros de produção.

Nenhum homem de "livre e espontânea vontade" teria participado da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré: "somente o diabo poderia criar-lhe tantas vicissitudes, infortúnios e desgraças".

Recuperada pelo pesquisador Manoel Rodrigues Ferreira, em seu livro "A Ferrovia do Diabo" (Melhoramentos, 400 págs., R\$ 22,90), a criação da Mad Maria ilustra o fascínio e as desventuras que cercam parte da história ferroviária brasileira.

A construção, que se estendeu por cerca de 40 anos, desde as primeiras tentativas (frustradas) na década de 1870, motivaria diversas narrativas romanceadas, entre as quais se destaca "Mad Maria" (Record, 461 págs., R\$ 45,90), de Márcio Souza, adaptada pela Globo em minissérie homônima. A Madeira-Mamoré - "espetáculo privilegiado da civilização capitalista na selva" - constituiria também o fio condutor do estudo de um dos maiores especialistas no assunto, Francisco Foot Hardman, autor de "Trem Fantasma" (Companhia das Letras, 345 págs., R\$ 47).

A concepção da Mad Maria era simples: numa extensão de cerca de 360 quilômetros, a estrada deveria contornar o trecho encachoeirado do rio Madeira, passando pelas selvas a noroeste do atual Estado de Rondônia. Terminada, ela permitiria o acesso da Bolívia ao Oceano Atlântico, via navegação dos rios amazônicos. A região, no entanto, era propícia à malária e a outras doenças tropicais. Além disso, nenhuma outra ferrovia, antes ou depois, foi construída tão a oeste do Brasil, em lugar tão distante dos grandes centros. Essas circunstâncias deram à construção contornos tenebrosos.

A estrada começou a sair do papel em 1907, depois de ser incluída entre as obrigações assumidas pelo Brasil como contrapartida à aquisição do território do Acre, e foi concluída em 1912, mediante a mobilização de milhares de trabalhadores recrutados em várias partes do mundo. Manoel Rodrigues Ferreira calcula em mais de 6.000 o número de mortos em consequência de doenças adquiridas na área da construção.

Na primeira metade do século 19, as ferrovias surgiam como o meio quase mágico que permitiria transpor enormes distâncias com rapidez e grande capacidade de carga, atravessando qualquer tipo de terreno. Nos países centrais do capitalismo, elas logo venceram a concorrência com os meios de transporte preexistentes. No restante do mundo, as vias férreas correspondiam admiravelmente ao ímpeto avassalador do imperialismo, supostamente portador da "missão" de levar a "civilização" e o "progresso" aos mais remotos territórios. No Brasil, onde a era ferroviária se iniciou em 1854, algumas vezes apontaram o descompasso que tenderia a se verificar entre as modestas dimensões da economia nacional e os grandes investimentos requeridos para as construções ferroviárias. Em "Café e Ferrovias" (Pontes Editores, 178 págs., R\$ 43), Odilon de Matos cita a frase de um importante estadista, segundo o qual os custos das ferrovias seriam tão altos que acabaríamos tendo "estradas de ouro" - ociosas, na maior parte do tempo, por falta do que transportar. Mas pontos de vista como esse foram vencidos pela fascinação exercida pelo trem de ferro e pela fé em seu poder de transformar a realidade: a chegada das locomotivas seria como o toque de fada pelo qual vastas áreas "atrasadas" ou incultas seriam instantaneamente transmutadas em modernos centros de produção.

As construções se concentraram no período que vai até 1920, quando a quilometragem total das vias férreas brasileiras já chegava a 75% de sua extensão máxima, atingida em 1960. Na época, a estrada de ferro mais importante do país era a Central do Brasil (antiga D. Pedro 2º), que ligava o Rio de Janeiro a São Paulo e a Belo Horizonte.

Mas as ferrovias cuja construção causou maior comoção foram aquelas situadas no interior. Além da Madeira-Mamoré, esse é também o caso da Noroeste do Brasil, que ligou Bauru (SP) às margens do rio Paraguai (sul do antigo Mato Grosso) no início do século 20. A Noroeste foi objeto de um clássico da historiografia ferroviária brasileira, "Um Trem Corre Para Oeste" (Melhoramentos, 222 págs.,

esgotado), de Fernando de Azevedo, entre vários outros trabalhos, como "Memórias de um Ferroviário" (Edusc, 166 págs., R\$ 22), de Gabriel Ruiz Pelegrina, e "Mulheres, Trens e Trilhos" (Edusc, 462 págs., R\$ 39), de Lídia Maria Possas.

Concebida com finalidade essencialmente política, a Noroeste deveria constituir o trecho brasileiro de uma transcontinental, destinada a atravessar a Bolívia e o Chile e assim ligar os oceanos Atlântico e Pacífico. Sua construção tomou ares de epopéia, incluindo, no trecho paulista, resistência armada dos indígenas caingangues e violenta incidência da malária. No trecho sul-mato-grossense, um aterro contínuo de 40 quilômetros foi construído, em pleno Pantanal, por trabalhadores que dispunham apenas de carrinhos de mão e simples instrumentos de cavar.

As condições de trabalho eram tão desgastantes e espoliadoras que, para conseguir mais operários, a construtora chegou a usar certos "artifícios": segundo escreve a historiadora Maria Inês Castro em sua dissertação inédita sobre a Noroeste, indivíduos "que tiveram a má sorte de cair nas mãos da polícia", no Rio de Janeiro e em São Paulo, eram enviados à ferrovia "como deportados e postos, à força, para trabalhar".

É claro que o "mágico" poder das estradas de ferro não foi suficiente para alterar, com a rapidez que alguns brasileiros imaginavam, estruturas econômicas moldadas ainda na época colonial. A crença na força transformadora dessas estradas, aliás, nem sempre era sincera e ingênua: muitas vezes era proclamada pelos interessados nos grandes negócios representados pelas construções ferroviárias. Assim, muitos trechos foram construídos sem uma efetiva justificativa econômica, tornando-se deficitários. Com exceção das ferrovias cafeeiras -basicamente construídas no Estado de São Paulo-, as estradas viviam em constantes dificuldades financeiras. De acordo com o que Flávio Saes escreve em "As Ferrovias de São Paulo" (Hucitec, 199 págs., esgotado), as tarifas eram calculadas com base no valor das mercadorias, e o café era praticamente o único gênero valioso o suficiente para remunerar adequadamente as empresas.

Como as ferrovias tendiam a ser vistas como meros símbolos, o que se buscava era antes a quantidade que a qualidade: eram construídas estradas baratas e cheias de defeitos que, posteriormente, ampliavam os custos do transporte. Não apenas a construção mas também a operação das vias férreas dependeu de subsídios estatais. Além disso, as empresas sofriam pressões das camadas sociais dominantes, sempre em busca da menor tarifa, ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.

De um ponto de vista econômico, não seria propriamente incorreto dizer que a experiência ferroviária no Brasil não passou de um relativo fracasso -que se traduziria, hoje, no predomínio das rodovias, ao contrário do ocorrido em outros países de grandes dimensões. De acordo com supostas explicações, o triunfo das rodovias no Brasil teria sido obtido graças a um complô que envolveria governos e grandes empresas petrolíferas e automobilísticas. Mas a verdade é que, além de outras deficiências estruturais, o setor ferroviário nacional nunca chegou a formar uma autêntica rede cobrindo todo o território. Como a economia dependia da agroexportação, o problema consistia simplesmente em ligar as regiões produtoras aos portos marítimos.

A partir dos anos 30, quando se colocou o desafio da efetiva integração econômica do país como parte do processo de expansão do mercado interno, os transportes rodoviários -mais ágeis, necessitando de uma infra-estrutura muito menor que a das vias férreas- demonstraram uma flexibilidade que o trem não tinha como acompanhar.

Isso não significa que as ferrovias não tenham desempenhado um importante papel econômico no país. Elas foram fundamentais no período dominado pela agroexportação e continuaram a ser importantes também no contexto da industrialização acelerada.

É certo que uma estrada como a Mad Maria teria poucas possibilidades de sucesso empresarial: no mesmo ano em que ela foi concluída, iniciou-se a definitiva crise da borracha -único gênero produzido em maior escala na região. Com isso, como nota Francisco Foot Hardman, a Madeira-Mamoré se tornou, precocemente, uma verdadeira "ferrovia-fantasma".

Mas as estradas de ferro não podem ser analisadas apenas mediante critérios estritamente econômicos. No Brasil, as ferrovias criaram novas cidades, como Porto Velho (RO), ponto inicial da Mad Maria, e revitalizaram antigas. Representaram uma experiência indelével -freqüentemente dramática- para os trabalhadores mobilizados nas construções. Objeto de fascínio, elas impuseram um novo ritmo de vida, marcado pelos horários dos trens, e reorganizaram os espaços urbanos, nos quais as estações se destacavam como "catedrais" da ciência e da técnica.

Hoje, parecem surgir indícios de que as ferrovias brasileiras poderão redimir-se de seu relativo fracasso. Com certo otimismo, pode-se vislumbrar o fim da primazia das rodovias, que parecem ter

cumprido sua tarefa de integrar economicamente o país. Em muitas partes do interior, bens já são produzidos em uma escala capaz de justificar a substituição dos caminhões pelos trens (ou pelas hidrovias). Mas, nessa eventualidade, as estradas de ferro figurarão como simples meios mecânicos de transporte: terá ficado irremediavelmente no passado seu lugar privilegiado no espetáculo da técnica moderna, e elas não mais serão cercadas pela antiga aura de empreendimento mágico e quase sobre-humano.

Paulo Roberto Cimó Queiroz, 47, é professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Publicou dois livros sobre a Noroeste: "As Curvas do Trem e os Meandros do Poder" (UFMS) e "Uma Ferrovia Entre Dois Mundos" (Edusc).

ANEXO 21

Produção levou 20 anos para sair do papel DA REDAÇÃO

A minissérie "Mad Maria" foi escrita por Benedito Ruy Barbosa entre 1980 e 1981. "Ela quase foi produzida para comemorar os 20 anos da Globo [em 1985], mas não havia tecnologia para fazê-la na época", lembra Octavio Florisbal, diretor-geral da emissora, que completa 40 anos em abril.

"Desde que entrei na Globo, há 21 anos, ouço falar de 'Mad Maria'. Realizá-la é um sonho de vários diretores", diz o diretor-geral da minissérie, Ricardo Waddington, que a redescobriu em 2003.

"Hoje temos tecnologia e experiência de produção para fazê-la. Naquela época, o desconforto de gravá-la na selva seria muito grande", afirma Waddington.

O diretor estudou várias alternativas, entre elas a de construir uma miniferrovia no Rio. Após sobrevoar várias vezes o que restou da Madeira-Mamoré, optou por gravá-la onde a história realmente aconteceu. Sua principal locação é em Abunã, cenário do livro "Mad Maria".

No início de outubro, Waddington embarcou para Rondônia com outros 130 profissionais da Globo. Sob um calor de 35°C, ar muito úmido ("Era só dar dois passos para começar a suar") e horários restritos à faixa das 9h às 17h, para fugir dos ataques do mosquito da malária, gravou em Rondônia durante dois meses.

Segundo Waddington, 30% das cenas de "Mad Maria" foram captadas em Rondônia, onde foram arregimentados 150 figurantes. O resto será no Rio, onde se desenvolve outra trama, a dos bastidores políticos da construção da Madeira-Mamoré.

"Em Rondônia, montamos tendas com ventiladores. Tínhamos banheiros químicos e muitos picolés. Há 20 anos, isso seria impossível", afirma.

Também contribuiu para a viabilização da megaprodução (orçada em cerca de R\$ 12 milhões) o apoio do governo de Rondônia, que investiu pelos menos R\$ 500 mil na recuperação de oito quilômetros de ferrovia, no restauro de uma locomotiva e na cessão de operários, médicos e policiais.

Ao todo, a minissérie mobilizou cerca de 400 profissionais em Rondônia. Elenco e técnicos geraram só nos 30 dias que ficaram em Guajará-Mirim, uma das bases de gravações, impacto de R\$ 1 milhão na economia da cidade.

A produção da Globo percorreu todo o percurso original da ferrovia, de quase 380 km. A locomotiva que representa Mad Maria, nome da máquina que há um século abria a estrada de ferro, era transportada em carreta.

Outro aspecto que tornou a minissérie viável foi o uso de efeitos especiais. Graças à tecnologia, a Globo economizará em cenários. Para tanto, usará cerca de 20 imagens do fotógrafo norte-americano Dana Merrill, que registrou a construção da Madeira-Mamoré.

"Vamos trabalhar com computação gráfica. Pegamos uma seqüência de quatro ou cinco fotos. Na última, nós fazemos uma animação em que ela se transforma em uma cena", diz Waddington.

"Mad Maria" também abusará de um recurso, experimentado em "Um Só Coração" (2004), que dará "vida" a fotos antigas do Rio de Janeiro. Paisagens do início do século 20 ganharão veículos e pessoas em movimento.

Como a minissérie é muito violenta, por causa das brigas entre os diferentes povos que vieram construir a ferrovia, efeitos especiais em 3D tornarão possível cortar a cabeça de um operário e as duas mãos de um índio. Acredita-se que 6.000 pessoas morreram na obra, a maioria por doenças. A Madeira-Mamoré foi concluída pelo empreendedor americano Percival Farquhar (Tony Ramos). O governo brasileiro investiu na ferrovia para compensar a Bolívia pelo território do Acre. A ferrovia iria superar 19 cachoeiras dos rios Madeira-Mamoré que dificultavam o transporte de borracha da Bolívia para o Atlântico, via Amazonas. Mas, ao ser concluída, a borracha entrava em decadência. Na minissérie, isso é contado com um romance, com encontros e desencontros, em primeiro plano: o de Finnegan (Assunção) e Consuelo (Ana Paula Arósio).